



Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume II, edição XIII Maio de 2011

Nesta edição:

O que é um Iniciado? - Papus 1

A Arte do Sono - Paul Sédir 4

O Brasil e a Ordem de Cristo 8

As Doze Regras para o Combate Espiritual - Pico de La Mirandola 10

A Sutilização do Caminho do Homem de Desejo 12

Contos Espirituais 32

O que é um Iniciado? - Papus

Uma das causas mais frequentes da obscuridade aparente dos estudos de Ciência Oculta diz respeito à confusão dos termos empregados por aqueles que tratam dessas questões. É então indispensável bem definir primeiro as palavras que se empregam, sob pena de cairmos no erro que acabamos de indicar. Poucos termos prestam-se mais a confusão do que aquele de Iniciado. Uns consideram o Iniciado como o ser excepcional, designado com veneração por todos os autores do Ocultismo; outros encaram o termo com uma significação bem menos elevada e que se pode aplicar de uma maneira geral.

Basta reportarmos-nos a significação primitiva dessa palavra para verificar que a última acepção é a mais correta. Com efeito, o título de Iniciado na Antigüidade indicava simplesmente um homem instruído, cujos graus de instrução variavam segundo os casos, sem que o título geral de Iniciado sofresse a mínima modificação.

O Iniciado nos pequenos mistérios possuía uma instrução equivalente àquela dada em nossos dias pela Uni-

versidade; o Iniciado nos grandes mistérios aprendia a manejar as grandes forças ocultas da Natureza. Chegado ao ápice dessa instrução, ele adquiria o título de vidente, de profeta ou de Adepto.

Assim, Iniciado ou Adepto são os dois termos que designam respectivamente o começo e o apogeu da carreira de Ocultista. Todos os homens instruídos adquiriam, na Antigüidade, o título de Iniciados e os títulos de filho da mulher, filho da Terra, filho dos deuses, filho de Deus, designando sua elevação hierárquica na ordem dos conhecimentos humanos.

Sem querer nos aprofundar sobre o ensinamento que eles recebiam, falemos, entretanto, de um ponto muito importante. A doutrina ensinada era, sobretudo, sintética e a pesquisa da Unidade Universal lhes era indicada como o objetivo de seus esforços. De outro lado, os Iniciados aprendiam a adaptar o ensinamento aos temperamentos diversos dos povos que eles eram encarregados de organizar como legisladores. É por isso que vemos as leis de Orfeu, de Moisés, de Licurgo, de Sólon, de Pitágo-



ras serem tão diferentes em aparência, enquanto que todos esses homens adquiriram seus conhecimentos numa mesma Fonte. A perda desses dados conduz nossos legisladores contemporâneos à ruína e à subjugação das nações que eles querem organizar, todas sobre a mesma base.

O povo possuía, então, uma religião ou uma organização social, com relação absoluta ao seu próprio temperamento, e que era um excelente meio de torná-lo feliz; o homem instruído, ao contrário, sabia convictamente que não existia senão uma religião, e que todos os cultos eram adaptações, como as cores são aspectos diversos de uma única luz branca. Assim, a guerra religiosa era quase totalmente desconhecida na Antigüidade, pois nenhum homem inteligente poderia sequer pensar em tal possibilidade; o povo, tão somente, seria capaz dessas infantilidades.

A sociedade antiga aparece-nos, agora, com todo o esplendor de sua organização unitária e compreendemos porque o Iniciado podia entrar em todos os templos e sacrificar a todos os deuses, em comunhão com os sacerdotes de todos os cultos, que o reconheciam como um filósofo da unidade, assim como eles próprios. Os ignorantes sectários, que pretendem hoje em dia falar de religião, proclamam a esse respeito o politeísmo, sem compreender que os cristãos de hoje parecem, ao pesquisador ingênuo, mais politeísta do que os membros de qualquer outra seita. Imaginemos, com efeito, um homem instruído, mas ignorante de nossos costumes religiosos, que subitamente fosse convidado a fazer um estudo a esse respeito, não possuindo como dados senão monumentos. Veja se suas conclusões não seriam essas: “A Religião desses povos curiosos parece consistir principalmente na adoração de um velho, de um supliciado e de uma pomba. Todos seus templos apresentam essas imagens. Eles adoram, além disso, vários deuses que se encontram sobre seus altares sob os nomes de São José, São Luís, etc.. Além disso, eles oferecem sacrifícios de flores recém-desabrochadas à

uma divindade que parece ser aquela da natureza e que eles chamam Maria. Encontram-se, também, várias imagens de animais sobre seus altares, um cachorro, ao lado de um deus inferior, São Roque, e, mesmo, um porco, acompanhando um outro deus, Santo Antônio. Existem, também, cervos, cordeiros, etc. Eles parecem ter particularmente adorado esse animal, que seguidamente representam deitado sobre um livro”. Essas conclusões nos fazem rir e balançar a cabeça. O que diria, com efeito, um iniciado do mundo antigo, instrutor de Moisés ou de Pitágoras, acusado pelo sábio contemporâneo de adorar batatas ou crocodilos!

O argumento do politeísmo e da idolatria não prova senão uma coisa: é a ignorância ou a má-fé daqueles que o empregam. O papel do Iniciado do mundo antigo era, antes de tudo, social; os Iniciados formavam, no mundo inteiro, uma fraternidade de Inteligência unida por uma doutrina unitária. É essa Fraternidade que certas sociedades secretas têm como objetivo mais ou menos delineado de reconstituir. Mas esse objetivo e esses estudos não têm para nós senão um interesse secundário. A Antigüidade, por atraente que seja seu estudo, não incitaria tanto nossa atenção como nossa sociedade atual. É nela, que devemos ver agora o Iniciado.

Digamos, inicialmente, que é muito fácil ser um Iniciado. Basta, para isso, conhecer os dados mais elementares da Ciência Oculta e compreender, graças a ela, a necessidade imperiosa de união fraternal de todos os homens. Esses dados podem ser obtidos pelo trabalho pessoal ou pelas sociedades de Iniciação. Isto exige algumas palavras adicionais de explicação.

Se for bem compreendida a diferença capital que atribuímos aos termos de Iniciado e de Adepto, é fácil deduzir que se pode, até certo ponto, formar Iniciados, mas não se formam Adeptos. Esses homens, cada vez mais raros, só chegam ao Adeptado por suas próprias forças. O objetivo inicial de uma socie-

dade de Iniciação é indicar aos seus membros, da melhor maneira possível, o caminho do aperfeiçoamento espiritual, que deve ser realizado pelo esforço individual. A doutrina ensinada deve versar sobre a fraternidade, fonte de todos os desenvolvimentos posteriores do ser humano.

Na prática, a sociedade deve envidar todos os seus esforços para realizar, entre seus membros, o objetivo que ela persegue, para fazer de cada um deles um apóstolo militante e, após, um verdadeiro Iniciado. Dois grandes procedimentos são empregados para o ensino da Iniciação; esses procedimentos, diferenciando particularmente as escolas de Iniciação de fonte oriental daquelas de origem ocidental, indicam facilmente a origem de um centro oculto.

A Iniciação oriental opera, sobretudo, pela meditação, isto é, o objetivo sendo de fazer criar, para cada indivíduo, sua doutrina sintética, sua maneira de ver o Universo e sua constituição. A Iniciação oriental dá ao seu discípulo um texto bastante curto e sintético sobre o qual ele deve meditar longas semanas, ou mesmo meses. O resultado dessa meditação é de livrar pouco a pouco os princípios analíticos contidos no texto e de criar uma doutrina fazendo-a, por assim dizer, sair de si mesma.

A Iniciação ocidental procede de maneira diferente. Ela dá, inicialmente, ao seu discípulo, uma série de dados sobre a questão, a serem pesquisados e meditados longamente, impelindo-o a condensar todas as opiniões e idéias diversas num resumo sintético.

Das duas maneiras, chega-se ao mesmo resultado: a Iniciação oriental ampliando um texto sintético e a Iniciação ocidental condensando textos analíticos, obtendo uma síntese geral. Digamos, enfim, que certas sociedades praticam, ao mesmo tempo, esses dois procedimentos, escalonando-os gradualmente. De qualquer maneira, o primeiro e, mes-

mo, o único objetivo procurado, é de levar o aluno a criar sua própria doutrina.

Pouco importa, inicialmente, que essa doutrina seja, em todos os detalhes, excelente ou não. O essencial é que ela exista. A sociedade dando as bases gerais ao Iniciado evita erros fundamentais. O Iniciado tendo uma criação pessoal modifica-a posteriormente, segundo seus estudos e sua evolução interior.

Constata-se, dessa maneira, a inanidade dos ensinamentos dados pelas sociedades, que perderam totalmente essa base indispensável e que quiseram praticar a fraternidade universal sem criar, em primeiro lugar, homens capazes de compreender seu alcance. Tais sociedades não tardam a transformar-se num corpo político, tendendo à dissolução, desde que não retorne energicamente ao seu objetivo primitivo, por uma rápida reorganização. A utilidade social dos Iniciados é incontestável; basta imaginar a grandeza possível das gerações futuras se a unidade se realiza. Certas sociedades procuram agir sobre as massas para chegar a essa unidade, cuja necessidade eles pressentiram. As sociedades de Iniciação, ao contrário, dirigem-se às inteligências menos numerosas, e mais capazes de compreender a nobreza da fraternidade universal.

O dia em que o padre católico, tornado Iniciado, souber receber em sua Igreja, como igual, o Iniciado ortodoxo, o Iniciado muçulmano e o Iniciado budista, a fraternidade dos povos estará bem mais perto de realizar-se na prática. Esse dia está, talvez, muito longe; quem sabe, ao contrário, ele se aproxima mais rapidamente do que pensamos. Seria temerário esperar essa união dos povos?

É possível que esse ideal seja utópico, inatingível; entretanto, nesta época de positivismo exagerado, é consolador viver esse sonho da união dos Iniciados, realizando um pouco a união universal de todos os homens na paz e na harmonia.

A Arte do Sonho - Paul Sédir

A nossa mente interior está em constante relação com os mundos invisíveis; nós não nos apercebemos disto porque nos falta o instrumento transmissor.

É preciso então tornar este registro mais fácil e mais extenso.

Aqui damos dois métodos.

O primeiro é exterior; recomenda uma série ou séries de exercícios graduais que, apoiando-se em um conhecimento mais ou menos verdadeiro da máquina humana, harmonizam o seu funcionamento e sutilizam as suas sensibilidades.

Aqui tudo depende da ciência do praticante; facilmente se cometem erros ao manipular organismos tão delicados e complexos como a mente humana. As desordens mais graves e mais tenazes podem ser suscitadas por uma falta de diagnóstico, por uma hora mal escolhida, por uma excitante mal dosada ou por uma falsa correspondência.

Sabemos a que uma droga deve a sua virtude?

O seu uso pode ligar o nosso sistema nervoso a poderes desconhecidos; conhecemos as terríveis conseqüências da morfina, da cocaína, das bebidas alcoólicas. E todas estas substâncias não trazem uma força nova; a sua ação é simplesmente despolarizante; elas retiram fluido de um ponto do corpo para colocá-lo em um outro, de modo que o praticante imprudente vê a sua saúde geral tornar-se precária e sua vontade impotente para governar os impulsos irresistíveis de seu ser vegetativo.



As mesmas críticas podem ser formuladas quanto a estas receitas pueris que a superstição popular emprega: comer uma maçã com certos ritos, escrever nomes desconhecidos sobre papeis, isto parece inofensivo. Mas é possível que uma imaginação fértil ou uma vontade fraca abram as portas a sugestões pouco sãs ou a manias.

Quanto a rituais mágicos propriamente ditos, seja qual for o proveito que dele desejemos extrair, os inconvenientes vão existir na mesma medida. Incerteza quanto à qualidade dos resultados obtidos, risco de ilusões, dolo provável, violências exercidas contra certos órgãos invisíveis, obrigações contraídas inconscientemente com outros invisíveis, desobediência à lei divina, desequilíbrio pessoal podendo se estender até a doença física — tais são, em resumo, os escolhos contra os quais se despedaça a sorte do magista.

Dirigir-nos-emos a estas escolas mais sábias e mais serenas, onde o aluno, após haver alcançado o domínio do seu corpo físico, empreende o controle de seu corpo fluídico pelas observâncias respiratórias, e de seu corpo mental pela concentração. Se ele obtém sucesso neste tipo de trabalho e se os frutos que ele recolhe parecem mais nobres, mais sãos e mais duráveis, porque sua cultura terá necessidade de morticínios!

Restringir a respiração é aumentar a quantidade de sangue venoso. É, portanto estancar a marcha evolutiva de uma multidão de glóbulos; é diminuir as trocas orgânicas; é sair um pouco da vida animal.

Concentrar a atenção em um monoideísmo constante é construir diques contra os fluxos

da associação de idéias. Mas saberíamos se a imagem mental que escolhemos para o exercício não é menos importante ou menos necessária do que quaisquer das outras que deliberadamente rejeitamos?

Por outro lado não se atinge estas duas unificações, a dos fluidos e a das idéias, sem uma espécie de vampirismo exercido sobre o meio eletro-telúrico e sobre o meio mental, análogo ao exercido por um financista muito hábil, que sabe atrair o dinheiro para os seus negócios. Isto é como se apropriar de algo que não é nosso e que exigirá um acerto de contas no futuro, sem ter proporcionado no presente uma certeza sã e cabal.

O buscador prudente recusará então todos estes procedimentos de um artifício mais ou menos curioso, e se aterá a algumas regras de puro bom senso, tais como, por exemplo, as que submeteremos ao exame do leitor.

Deve-se preparar uma noite reconfortante a partir de um dia proveitoso e interiormente sereno. A inquietude prejudica o sono. É verdade que nem sempre podemos dominá-la inteiramente. Para viver de maneira sã é preciso ter um ideal, e para viver de maneira santa, é necessário o mais elevado dos ideais.

Da mesma forma que um trabalhador probo pode nutrir o seu corpo com mais higiene, aquele que vive segundo um ideal torna-se um centro atrativo de forças, de substâncias, de sentimentos e de vontades.

Ora, um ideal, seja qual for, é uma criatura viva. Ele necessita, como toda criatura, de alimentos corporais, afetivos e intelectuais. Quanto mais elevado, mais distante desta terra; mais a sua evocação demanda esforços.

É preciso então, inicialmente, concebê-lo de maneira pura, em seguida nutri-lo de maneira sã, e finalmente encarná-lo com uma devoção séria, atenciosa, profunda e permanente. Esta é a mais bela das Grandes Obras.

Ademais, isto se opera naturalmente, pois a natureza é benigna desde que nos atenhamos à constância e a perseverança. É preciso nada se permitir, nenhuma atitude, nenhuma palavra, nenhum olhar, nenhum movimento interior, nenhum ímpeto, nenhuma parada que não estejam conformes ao objetivo visado. Para isto, não é necessário manter-se fora da vida comum, muito pelo contrário, pois os mais imperiosos dos nossos deveres estão na família, no trabalho e na função social. São estas observâncias que mantêm o nosso mental sã, que nos conservam em equilíbrio, e que fazem avançar mais rapidamente o nosso espírito.

Tal é a regra fundamental da qual dependem todas as prescrições detalhadas. Vejamos como adaptá-la ao objetivo que nos propomos: ter sonhos verdadeiros, claros, instrutivos e dos quais nos lembremos.

O coração humano vive no plano onde quer viver. Se for da avareza, fisicamente, ele viverá no reino espiritual da avareza. Se ele tem o hábito da mentira, da fraude, da dissimulação, a mente se tornará organicamente incapaz de perceber a verdade, seja de que tipo for. Para ter sonhos verdadeiros é preciso então, por uma prática constante, transformar em si as tendências à falsidade e à mentira, em atos de conformidade com os sentimentos, em sentimentos submetidos ao exame da consciência, em pensamentos que sejam deduções justas dos sentimentos. É preciso ter o hábito de não ter outro querer secreto que não seja o que exprimimos pela palavra e pela ação. É preciso cumprir suas promessas. É preciso saber ser discreto sem ser dissimulado. Assim, se fizermos de nossas forças físicas as operárias de um coração que só quer a verdade; de nossas forças intelectuais a dianteira destas realizações sãdas, todo o nosso ser se tornará um ímã atrativo para o ideal ao qual oferecemos, deste modo, um culto de todas as horas. E este ideal desce até nós através dos espaços interiores; ele nos trata, nos reconforta, nos restaura de nossas fadigas e recria, por assim dizer, todas

as energias, até as do corpo de carne. E não traindo a confiança de nenhuma criatura visível, nenhuma invisível poderá trair a nossa. Nossos sonhos tornam-se verdadeiros.

A nitidez dos nossos sonhos depende das condições fisiológicas, materiais e espirituais.

É necessário que o agente invisível disponha de força nervosa em quantidade suficiente; por conseguinte na refeição da noite ingerir somente alimentos leves e digeríveis; excluir os excitantes; deitar-se o mais cedo possível para que o repouso físico, quase completo à meia noite, deixe o cérebro livre por volta de uma ou duas horas da manhã.

É sempre mais sadio levantar-se bem cedo do que dormir tarde.

É preferível que a cama esteja com a cabeceira voltada para o norte ou para o leste. A cor das pinturas e dos tecidos do quarto de dormir tem sua importância. O branco é saudável, mas dispersivo; o vermelho é muito excitante; o marrom é pesado. É melhor escolher, de acordo com seus gostos pessoais, os tons de cinza, amarelo, verde ou azul. Nem a nogueira nem o carvalho são recomendáveis. Se a opção for por uma cama metálica, escolher o cobre.

Não devemos manter a luz acesa durante o sono; se não pudermos dispensá-la, colocá-la num quebra-luz violeta ou malva, ou atrás de uma cortina, para que os seus raios não incidam sobre a cabeça do adormecido.

Seria prudente não dormir com a janela aberta, a menos que o quarto seja bem arejado durante o dia. Se não pudermos dormir num lugar fechado, colocar uma cortina diante da janela.

Manter no quarto o mínimo possível de objetos de metal. Se o casal têm cama comum é melhor que não mudem de lugar para con-

servar a direção dos intercâmbios magnéticos.

Se as noites forem agitadas, servir-se do odor da madeira ou do gengibre, excluindo-se qualquer outro perfume.

Aqui damos agora, algumas precauções psíquicas.

Que a inteligência seja lúcida durante a vigília; pois ela continuará a sê-lo durante o sono. Trata-se, portanto, de possuir plenamente o que chamamos de presença de espírito. E para isto exercitar-se da seguinte maneira:

1º. Pensar numa coisa de cada vez: isto demora; é preciso calma, paciência; compreenda que a verdadeira força é tranqüila e não agitada; traga lentamente a atenção para o trabalho em curso; não se apresse, o tempo será recuperado mais tarde;

2º. Exercitar-se em mudar cada vez mais rápido de atividade; em distinguir em um passar de olhos um grande número de objetos, os detalhes de uma roupa, de uma estante, as particularidades de uma rua; aprender a ver e a observar com precisão.

3º. Cuidar para manter o sangue frio diante de um caso fortuito, de um acidente; para ter sempre prontos a palavra e o gesto certo.

O hábito assim adquirido de possuir-se plenamente confere à vontade um poder de controle ao qual ela não renunciará mesmo durante o sono, o que evitará que sejamos máquinas passivas e nos permitirá mover-nos em sonho, tomar decisões, falar, agir.

Todo um mundo desconhecido se abrirá diante de nós, todo um vasto campo de possibilidades cativantes, de energias até então embrionárias se desenvolverão em nós; a Natureza assumirá um novo significado e o nosso ser total encontrar-se-á modificado, esclarecido e dinamizado.

Vimos nos parágrafos anteriores quais são as fontes dos nossos sonhos. De fato, como já explicamos, durante o sono só vemos as paisagens do país em que habita o homem interior. São, por conseguinte, as predileções deste último que devem ser melhoradas; é para o socorro pessoal que nos envia a Providência viva, por intermédio dos seus agentes visíveis e invisíveis, que é necessário torná-la atenta.

Pois a lei das atrações que rege a ordem física governa ainda a ordem hiper-física. O homem interior persegue igualmente no invisível os desejos que tentamos realizar na matéria. A paixão dominante busca satisfazer-se com tanto ardor no sono quanto na vigília.

Por conseguinte, devem-se tomar as seguintes precauções:

1ª. Antes de se deitar, tomar fôlego, se é que podemos dizer assim; uma recapitulação clara e concisa do dia permitirá avaliar o progresso ou o recuo; quanto à noite que começa, a oração dominical contém todos os agradecimentos e todas as solicitações úteis, já que nosso pão material é assegurado quando trabalhamos; é o pão da alma que urge ganharmos. Durante o dia é o esforço, a provação e o sofrimento que no-lo garantem; no sono, é o sonho;

2ª. É preciso então, por alguns minutos, esquecer os nossos problemas, os nossos sofrimentos, entrar com um desejo profundo e simples no amor de Deus e na mente do Mestre sempre presente; pedir-lhe a luz, e o meio de compreendê-la, o favor de lembrar-se dela e a força de expandí-la: pois, repito, o sonho pode nos instruir e também nos permitir prestar serviço a alguém;

3ª. Manter-se interiormente no maior abandono possível de si mesmo e de tudo que a nós se refere, a fim de deixar a porta aberta

ao imprevisto do Alto, ao impossível humano, ao possível divino;

4ª. Em último lugar, se prometemos orar por um doente ou por um amigo que sofre, é preciso fazê-lo apesar da própria fadiga. Quando, além disso, o trabalho do dia foi muito duro, o Pai não exige longas orações: um ímpeto do coração basta, se bem que seja melhor formulá-la em voz alta.

As precauções descritas acima serão de grande valia para lembrar-se dos sonhos.

Quanto mais puro for o nosso coração, mais ardente será o nosso desejo de luz, e quanto mais o nosso interior confia em Deus, mais vívidas serão as impressões noturnas.

Mesmo assim, aquele que se inicia nesta prática deve manter perto de si um lápis e papel; é possível, com um pouco de energia, acordar alguns segundos para anotar uma palavra sobre o sonho que se acaba de ter.

Em todo caso, é necessário, ao levantar-se, fazer um esforço de memória, calmo e tranquilo, para escrever num registro que conservaremos, tudo o que lembrarmos ter vivido durante a noite que termina. É necessário mencionar tudo, mesmo os detalhes mais imprecisos; uma palavra pode permitir a reconstituição de uma cena. Por vezes há sonhos em dois ou três planos que se entrelaçam, se desdobram e se reúnem em seqüência.

Será bom, logo ao abrir os olhos, nos proporcionarmos alguns minutos de calma rememoração, durante os quais, por menos acostumado que esteja o cérebro, as lembranças chegarão vívidas e precisas.

Esta matéria foi escrita por Sédir em 1901 e republicada na Revista L'Initiation no N° 3 de 1954.

O Brasil e a Ordem de Cristo

A redescoberta do Brasil ocorreu sob o patrocínio da Ordem Militar dos Cavaleiros de Cristo (25 de Abril de 1500).

Em 26 de Abril, a primeira Missa é celebrada em terra firme por Frei Henrique de Coimbra, um frade franciscano. Ao lado do altar, tremula o Estandarte da Ordem Militar dos Cavaleiros de Cristo.

Vemos, portanto, duas "Egrégoras" específicas tomando conta do novo Reino:

1. A Templária (via a Ordem de Cristo de Portugal)

2. E a Franciscana.

O descobrimento da antiga terra brasileira está inserido no plano missionário Franciscano e Templário Ibérico. O motivo principal desta missão era:

a) Descobrir o paradeiro das Dez tribos Perdidas de Israel,

b) Encontrar o Paraíso terreno (reflexo do Paraíso Celeste, mas também ponto focal ou "Porta Coeli", pilar energético).

c) Renovar a Europa e instaurar o Reino Sinárquico do Espírito Santo (segundo os ideais Joachimitas - Joachino de Fiore, místico Cisterciense, que apregoava que a partir de 1260 a Era do Espírito Santo se iniciara)!

Esta duas forças egregóricas estão afinadas com a grande corrente Joanita:

1. Cavaleiros de Cristo > Templários > Sucessão Joanita > Apóstolo João > Jesus de Nazaré, o Cristo.

2. Franciscanos (ideais Joachimitas, correntes Cátaras, Joanismo) > São Francisco de Assis, o escolhido por Deus para renovar a Igreja.

Os segredos da Venerável Ordem do Templo não morreram na fogueira. O último Grão Mestre da Ordem, Jacques de Molay transmite certos segredos a um grupo de sete cavaleiros: Gaston de La Pierre Phoebus, Guidon de Montanor, Gentili da Foligno, Henri de Montfort, Louis de Grimoard, Pierre Yorick de Rivault e Cesar Minvielle.

Eles dirigem-se a Escócia e na Ilha de Mull, estabelecem uma Confraria.

Nesta Ilha, o Cavaleiro Guidon de Montanor - Mestre em Alquimia, detentor do Sétimo grau da Ordem e discípulo do Grão Mestre, funda a Igreja Templária.

Em Outubro de 1316, 4 cavaleiros templários (iniciados no real Segredo da Ordem) retornam a França e pedem audiência ao Papa João XXII (Giacomo d'Ossa) em Avignon.

Deste encontro, nascerá uma "nova" Ordem: os Irmãos Maiores da Rosa Cruz.

A Ordem é composta de 33 membros. Em 6 de Maio de 1317, a Ordem deixa Avignon e estabelece-se em Montfort sur Argens, para "organizar" seu próprio destino.

A Ordem do Templo visava a constituição de um Templo digno de Deus. Não era um Templo de pedra, mas era o Templo interior: "O ideal do templo, mais elevado e geral do que o da igreja, planava, de certo modo, acima da religião. A Igreja tinha idade - o Templo não a possuía...."

A Igreja é a Casa de Deus, o Templo é a Casa do Espírito Santo". (Jules Michelet)

"A Ordem do Templo visava o aperfeiçoamento moral da Humanidade, motivo por que não dissociava o Querubim (Anjo do Conhecimento) do Seraphim (Anjo do

Amor)". (Manuel Gandra)

Neste aspecto, São Francisco de Assis representa o Homem Ideal, o Cavaleiro Andante, o Perfeito e Puro (Cátaro). Ele criou uma Ordem dividida em 3 Ramos e desviou-a do ouro manchado de sangue e do orgulho clerical.

"São Francisco de Assis transformara-se na figura paraclética e reformadora, sustentáculo da nova Igreja. Igreja completamente votada à fraternidade e ao Amor; divorciada da Escolástica; fundada na esperança da dispensação direta do Espírito". (Manuel Gandra)

O ideal Franciscano e o Templário, mais tarde se fundirão em um único homem: Santo Inácio de Loyola fundador da Ordem dos Jesuítas.

Franciscanos e Jesuítas são os "pais" do Cristianismo no Brasil. Para cá vieram dois grandes mestres: Padre José de Anchieta e Padre Antônio Vieira.

A Ordem de Cristo foi fundada em 1319 pelo Rei Dom Dinis e a Ordem foi aprovada pelo Papa João XXII. Seu primeiro Grão-Mestre foi Dom Gil Martins.

A Cruz da Ordem representava a "Chaga do lado direito de Cristo", feita por São Longuinus, o centurião romano. A Santa Chaga é a porta para os Mistérios de Cristo. Por ela jorrou o Santo Sangue que foi recolhido no Santo Graal, sendo este guardado por São José de Arimatheia.

Segundo a Tradição do Templo, o Graal viajou até Glastonbury (Somerset - Grã-Bretanha). Passou por inúmeras mãos e hoje estaria escondido em Montserrat (Espanha).

Os Templários possuíam inúmeras relíquias

(pontos focais de poder: Baraka), sendo alguns destes:

- O Santo Sudário,
- Pedacos da Santa Cruz,
- A Cabeça de Santa Maria Magdalena.

Isto é para nós uma fonte de transcendente simbolismo:

Santa Lança > Santa Chaga > Santo Graal: uma Trindade Mística.

A Santa Chaga faz parte da Quintupla Chaga: duas nas mãos, duas nos pés e a do peito.

As chagas representam um Pentagrama. A Chaga do Lado Direito é a Cabeça do Pentagrama. São Bernardo de Claraval, o braço espiritual templário, nos revela uma misteriosa Sexta Chaga (em uma visão, Jesus lhe revelou a Chaga do Ombro): "Os homens não a conhecem. Honra, pois esta Chaga e farei tudo o que por ela pedires" (visão de São Bernardo).



Com a Sexta Chaga (oculta) encontramos um Hexagrama e passamos a outros ensinamentos esotéricos (já que ela é o "suporte da Cruz").

A Quinta Chaga, também é o "Schin" no meio da Cruz (ou do Tetragrama).

Podemos chamar estes arcanos de "Aspecto Oculto da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo", e formam parte dos segredos do Esoterismo Cristão.

Estes são aspectos importantes para a história egregórica do nosso país e podemos verificar que o Brasil nasceu sob estes Símbolos da alta espiritualidade!

As Doze Regras para o Combate Espiritual - Pico de La Mirandola

*Traduzido pela primeira vez do latim pelo
Doutor Marc Haven*

“É necessário ver além das idéias, esboçadas para revestir de alguma modernidade as imutáveis e místicas certezas que a poeira da civilização deformou diante de nossos olhares, impedindo-nos de compreendê-las”.

I. - Se o homem acha dura a estrada da virtude, já que incessantemente devemos lutar contra a carne, o diabo e o mundo, que se lembre que qualquer que seja a via que escolheu, o fez de acordo com o mundo, cheio de adversidades, de tristezas, desgosto e trabalho vão.

II. - Que o homem recorde que nas coisas do mundo, muito mais tempo se combate, e penosamente um trabalho sucede a outro trabalho e, no fim, combate a punição eterna.

III. - Que o homem recorde que é insensato crer que se possa chegar ao céu de outra maneira que não por uma luta deste tipo, assim como nosso senhor, o Cristo, se elevou ao céu apenas pela Cruz. A condição do servidor pode ser melhor que a do Mestre?

IV. - Que o homem recorde que não é somente necessário suportar este combate, mas desejá-lo, mesmo se não obtiver nenhuma recompensa, apenas para conformar-se à doutrina do Cristo, nosso Deus e Senhor. Sempre que, se opondo a qualquer um dos seus sentidos ataca-os violentamente, pensemos na Cruz do Cristo à qual assim deve-lhe confortar. Quando, resistes ao teu estomago e mortificas o teu gosto, recorda-te da Sua bebida de fel e de vinagre. Quando retiras a tua mão e desistes de algo que te agrada, pensa nas Suas mãos fixadas por vós sobre a madeira da cruz. E, se te opões ao orgulho recorda quem, enquanto tinha a forma de um Deus, aceitou por vós a forma de um escri-

vo e foi humilhado até morrer sobre a cruz. E, quando és tentado pela cólera, recorda que Ele, que era Deus e o mais justo dos homens se viu zombado, insultado, chicoteado, coberto de todas as espécies de opróbrios como um ladrão, misturado com bandidos e, contudo, sinal nenhum deu de cólera ou de indignação, mas suportou tudo pacientemente, respondendo com a maior doçura e, assim, seguindo tudo ponto por ponto, não encontrarás nenhum sofrimento, que de alguma forma, não te tornes semelhante ao Cristo.

V. - Mas não confia nestas doze armas como se fossem mais do que algum meio humano. Confia na virtude de Jesus Cristo que disse: “Toma confiança, Eu venci o mundo” e em outro lugar, “O príncipe deste mundo é lançado ao chão”. Também confiemos na Sua força para vencer o mundo e domar o diabo e, para tanto, devemos sempre pedir o Seu auxílio e o dos Seus santos pela oração.

VI. – Recorda, quando venceses uma tentação, que sempre virá outra, porque o diabo está sempre ao nosso redor, procurando devorar-nos. Por isso é necessário conservar-se sempre no temor e dizer com o profeta: “Conservar-me-ei sobre meus guardas”.

VII - Não é somente necessário não ser vencido pelo diabo, mas é necessário vencê-lo. E isto se faz quando não somente não pecares mais, mas que naquilo que fores tentado, e encontrares a ocasião de sempre fazer o bem. Do mesmo modo, se algum bem te resultar da ação, não sintas a este respeito uma glória vã, pensa logo que não é tua a obra, mas sim um benefício de Deus. Humilha-te, e pensa em ser ainda mais grato a Deus por Seus benefícios.

VIII. - Quando combater, combate certo da vitória almejando por fim uma paz eterna, pois pode ser que Deus te dê a graça de que

o diabo, confuso da tua vitória, não retorne. Quando venceres, comporta-te como se ainda combatesses. Recorda sempre da tua vitória e, na vitória, recorda-te do combate.

IX. – Que te sintas bem guardado e fortificado. Foge sempre, contudo, das ocasiões de pecar. O Sábio disse: “Quem ama o perigo o encontrará”.

X. – Nas tentações, volta sempre ao princípio e precipita as “crianças da Babilônia” sobre a pedra. A pedra é o Cristo, pois o remédio sempre é preparado tardiamente.

XI. - Recorda que, mesmo no momento do combate, é um engano da tentação mostrar a batalha e, no entanto, é bem mais suave vencer a tentação do que ir pecar onde a tentação vos chama. E, nisto, muitos são enganados, porque não comparam a doçura da vitória com a doçura do pecado, mas o combate ao prazer. E, contudo, o homem que mil vezes cedeu à tentação, deveria pelo menos uma vez experimentar aquilo que é amargo em sua tentação.

XII. - Além disso, porque és tentado não te creias abandonado por Deus ou pouco agradável a Ele, ou pouco justo e imperfeito. Recorda que depois que Paulo viu a divina essência, sofreu tentações da carne, que Deus permitiu que lhe enviassem para evitar-lhe o orgulho. E nisto o homem deve observar que Paulo, que foi um eleito e foi elevado até o terceiro céu estava, contudo, em perigo de orgulhar-se das suas virtudes, como ele mesmo diz: “De modo que a grandeza das revelações não me seja um perigo, deu-me o aguilhão de carne que me fez sofrer”. Assim, de todas as tentações, a do orgulho é a que o homem deve desafiar mais, porque o orgulho é a raiz de todos os males. O único remédio contra ela é pensar incessantemente que Deus humilhou-se para nós até à cruz e que a morte, contra a nossa vontade, humilhar-nos-á até fazer de nós o alimento dos vermes.

As doze armas do combate espiritual que o homem deve ter a mão no momento em que o pecado o atrai

1. O prazer é curto e fraco.
2. Tem por companheiros o desgosto, o remorso.
3. É a perda de um grande bem.
4. A vida é um sonho, uma ilusão.
5. A morte está lá, e vem inesperadamente.
6. O temor da impenitência.
7. A recompensa é eterna punição.
8. Dignidade e destino do homem.
9. Paz da alma pura.
10. Benefícios de Deus.
11. A Cruz de Cristo.
12. O testemunho dos mártires, o exemplo dos santos.

As doze condições de aquele que ama

1. Gostar só uma de pessoa, a todos desprezando por ela.
2. Considerar infeliz o amante separado do ser amado.
3. Tudo sofrer, até mesmo a morte para estar com o ser amado.
4. Ser solícito em agradar-lhe.
5. Continuar com o ser amado, pelo menos em pensamento, se fisicamente for impossível.
6. Gostar de tudo o que rigorosamente lhe toca: os amigos, a casa, os hábitos e os seus retratos.
7. Desejar entender seus elogios, não suportar uma palavra ofensiva a seu respeito.
8. Crer dela as maiores maravilhas e desejar que também todos o creiam.
9. Desejar sofrer por ela e encontrar prazer neste sofrimento.
10. Chorar frequentemente por ela, de dor na sua ausência, de alegria em sua presença.
11. Sempre enlanguescer, sempre queimar de desejo por ela.
12. Servir, sem pensar em pagamento ou recompensa.

A Sutilização do Caminho do Homem de Desejo

Todos nós sentimos, em maior ou menor grau, o desejo de viver uma vida mais plena, verdadeira e significativa. A grande maioria procura atender a esse chamado procurando no mundo da forma as coisas que possam satisfazer essa ânsia profunda, mas apenas alguns compreendem que o mundo material nada pode oferecer para essa realização. Para os buscadores que já compreenderam essa verdade é dirigido este trabalho.

“...É bem assim o homem realmente espiritual: Não é um homem pacatamente virtuoso, uma alma dogmaticamente mansa e domesticada para encampar docilmente as crenças tradicionais. O homem integralmente espiritual é um intrépido aventureiro dos mundos ignotos, um genial sonhador do infinito, uma alma empolgada pela dinâmica inquietude metafísica dos insatisfeitos, dos insaciáveis, dos descontentes com o que “todos” sabem e fascinado pelo que todos ignoram... O homem espiritual, surdo aos barulhos da turba-multa dos profanos e às teses dos catedráticos, escuta intensamente vozes do grande silêncio que principia além de todos os ruídos estéreis. E o que esse silêncio anônimo lhe sugere é mais sedutor do que tudo o quanto os discursos e os sermões dos sabidos e afamados possam lhe dizer”.

Huberto Rhoden

No **Tarô**, a XII lâmina – o Enforcado - é o Arcano da Fé, da aspiração Espiritual. É o homem que se submete ao sacrifício do ego, a fim de receber recompensas no plano espiritual. Por isso, apesar do nome, essa carta mostra um homem dependurado pelos pés, tal como Odin, o deus nórdico que se sacrificou para obter conhecimentos e com os braços abertos em cruz, como Jesus, que transcendeu os limites humanos e ascendeu à divindade, graças ao supremo gesto de morrer pela humanidade. Para Oswald Wirth o protagonista do Arcano XII é homólogo ao do

Prestidigitador, já que também inicia uma das vias, mas partindo do extremo oposto do caminho. Neste sentido o vê como o princípio de intuição pelo qual o ser humano pode alcançar um resplendor de divindade: como colaborador da grande obra que mudará para o bem a carga negativa do universo; como a vítima sacrificial para a redenção.

O Enforcado assinala uma mudança considerável na vida do ser humano, sobretudo, quando ele se aproxima das iniciações superiores, quando o Eu Superior passa a exercer o controle consciente sobre o eu inferior ou o ego. Observando-se a lâmina, torna-se evidente que na postura invertida não é possível reter nada que for excessivo, indicando mesmo que o indivíduo só consegue reter o que é essencial, não sendo, portanto, quantitativo e sim qualitativo.

O processo iniciático, transformador, transforma a dor de uma existência superficial, vaga e efêmera numa dor provocada pela revelação de uma força maior, reestruturando uma personalidade condicionada e contraída. Essa dor, que inicialmente é interpretada como um fardo ou um imenso sacrifício produz o homem virtuoso e bom, mas não feliz. Posteriormente, conforme a Alma prevalece, levando compreensão ao ego, o homem torna-se bom e necessariamente feliz fazendo da vida, como um todo, um deleitoso sacrifício. O Enforcado é o ponto zero entre os campos de gravitação terrestre e celeste. Desse ponto zero é que a alma se eleva na contemplação das coisas celestes e divinas ou desce para agir no domínio terrestre e humano, mas também é o lugar de sua morada permanente. O Homem Espiritual é o homem do futuro: só a causa final ativa a sua vontade! Ele é o homem cuja vontade está no alto, acima das faculdades comuns, isto é, acima de seu pensamento, de sua imaginação, de sua memória.

O ponto de partida: O contato com a Shekinah

O vocábulo Shekinah ou Chekina é uma transliteração da raiz hebraica “shkn” = habitar. Este termo “shkn” é muito usado pelos Rabis e também adotado pelos cristãos. Refere-se à glória visível de Deus habitando no meio do seu povo. Usa-se este vocábulo para designar a presença radiante de Deus. Shekinah é o equivalente judaico do Espírito Santo. A glória de Deus é vista em fenômenos como relâmpagos e nuvens no monte Sinai (Êx 19.16) e a nuvem brilhante que descia sobre a tenda da congregação e guiou Israel pelo deserto (Êx 40.34ss.). A glória divina também está presente de modo especial no Templo e na cidade celestiais (Ap 15.8; 21.23). Foi vista na transfiguração de Jesus (Lc 9.32) e será vista quando Jesus voltar à terra (Mc 8.38).

Sob o ponto de vista bíblico, talvez poucos são os que podem descrever alguma experiência da presença Divina, uma vez que a Glória de Deus raramente se manifesta diante dos homens de uma maneira grandiosa e radiante, como uma sarça ardente ou uma coluna de fogo. Mas, com certeza, todo ser humano pode descrever alguma experiência humilde e cotidiana do “sentimento” da presença de Deus em todas as coisas. Observando calmamente uma planta, as nuvens no céu, o rosto de uma pessoa quando está distraída, em silêncio, o comportamento de um animal, as estrelas no céu noturno, uma tempestade e tantas outras coisas, pode-se “sentir” a indescrevível e incomensurável Glória de Deus que se mostra em toda Criação e que, na verdade, nunca está ausente do nosso mundo, desde que se aprenda a vê-la nas coisas aparentemente simples e comuns.

A *Shekinah* está sempre presente num ato de compaixão entre os homens, na empatia e na simpatia sincera pela dor alheia, no auto-sacrifício em benefício de outro, num ato de

justiça e em todas as atitudes do homem ditadas pelo amor desinteressado. Dessa forma, é possível descrever uma infinidade de momentos em que a Glória de Deus se manifesta, não através dos olhos, mas através do coração. A *Shekinah* está presente em todas as coisas, animadas e inanimadas, assim como o Baal Shem Tov pregava. É fundamental que o Iniciado aprenda a perceber e a viver nessa realidade para progredir no caminho espiritual.

Vivendo voluntariamente sob as Leis

Divinas Morais e Espirituais:

O Decálogo e as Virtudes

Dez Mandamentos ou Decálogo é o nome dado ao conjunto de leis que segundo a Bíblia, teriam sido originalmente escritos por Deus em tábuas de pedra e entregues ao profeta Moisés (as Tábuas da Lei). Encontramos primeiramente os Dez Mandamentos em Êxodo 20:2-17. É repetido novamente em Deuteronômio 5:6-21, usando palavras similares. “Decálogo” significa dez palavras (Ex 34,28). Estas palavras resumem a Lei, dada por Deus ao povo de Israel, no contexto da Aliança, por meio de Moisés. Este, ao apresentar os mandamentos do amor a Deus (os quatro primeiros) e ao próximo (os outros seis) traça, para o povo eleito e para cada um em particular, o caminho para uma vida liberta da escravidão do pecado. De acordo com o livro do Êxodo, Moisés conduziu os israelitas que haviam sido escravizados no Egito, atravessando o Mar Vermelho dirigindo-se ao Monte Horeb, na Península do Sinai. No sopé do Monte Sinai, Moisés ao receber as duas “Tábuas da Lei” contendo os Dez Mandamentos de Deus, estabeleceu solenemente um Pacto (ou Aliança) entre YHVH e povo de Israel.

“Eu sou YHVH, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa dos escravos. Não terás outros deuses em desafio a Mim. Não farás imagem esculpida, nem semelhança alguma do que há

em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não adorá-las-á, nem prestar-lhes-á culto, por que eu, YHVH, teu Deus, sou Deus zeloso, e que puno o erro dos pais nos filhos até sobre a terceira geração e sobre a quarta geração dos que me odeiam, mas que uso de benevolência para com até a milésima geração dos que me amam e que guardam os meus mandamentos.

Não tomarás o nome de YHVH, teu Deus, em vão, pois YHVH não considerará impune aquele que tomar seu nome em vão.

Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás todo o teu trabalho; mas o sétimo dia é o Sábado de YHVH, teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o YHVH o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso o YHVH abençoou o dia do Sábado, e o santificou.

Honra a teu pai e a tua mãe, a fim de que os teus dias se prolonguem sobre o solo que YHVH, teu Deus, te dá.

Não assassinarás.

Não cometerás adultério.

Não furtarás.

Não levantarás falso testemunho contra teu próximo.

Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu touro, nem seu jumento, nem qualquer coisa que pertença ao teu próximo”.

Qual a finalidade da Lei? Existem três respostas para esta pergunta: A primeira função da lei é social. Ela restringe o mal da sociedade. Paulo disse: “Nós sabemos que a lei é boa se dela faz-se uso legitimamente. Tendo em vista que a lei não é feita para o justo, mas para os

transgressores e rebeldes, os irreverentes e pecadores, os ímpios e profanos, para os parricidas, matricidas e homicidas” (I Timóteo 1:8-9). Seu propósito é evitar a desintegração da sociedade. Moisés subiu o monte Sinai como o absoluto governador de Israel e desceu da montanha sob a lei. A lei se aplica igualmente a todos – ao rico e ao pobre, ao forte e ao fraco.

A segunda função da lei é teológica. Ela revela nossa condição pecadora e nos leva a Cristo. Segundo Paulo, “...De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, a fim de que pela fé fôssemos justificados” (Gálatas 3:24). A função teológica da lei é mostrar-nos a nossa má conduta. É uma visão mais alta da lei do que sua mera função social. A pequena visão social leva ao legalismo da religião, mas a visão teológica leva o transgressor a buscar a graça divina.

A terceira função da lei é didática. Ela guia aqueles que correspondem à graça de Deus, “porque somos salvos pela graça, não pelas obras” (Tito 3:5). Os mandamentos foram endereçados especificamente para os que, pela graça, são filhos de Deus. Eles começam com a declaração: “Eu sou o Senhor vosso Deus, que os tirou da terra do Egito, da casa da servidão” (Êxodo 20:2). Os mandamentos foram dados para o povo que foi salvo pela poderosa mão de Deus, povo que entrou em aliança com Ele e prometeu amá-Lo e servi-Lo. E depois foi dado ao mundo todo por Jesus Cristo. Paulo escreveu aos Colossenses: “Por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do pleno conhecimento da sua vontade, em toda sabedoria e entendimento espiritual. E oramos para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus” (Colossenses 1:9-10). O amor motiva o comportamento cristão. Ele não diz o que fazer; ele diz como fazer. O amor nos cons-

trange a fazer a vontade do ser amado, mas para saber qual é essa vontade devemos ir à outro lugar. A lei de Deus é o desejo do ser amado. Jesus disse: "Aquele que me ama, guarda os meus mandamentos" (João 14:15).

Virtude é uma qualidade moral particular. É "uma disposição habitual e firme para fazer o bem". Para S. Gregório de Nissa, "o fim de uma vida virtuosa é tornar-se semelhante a Deus". Existem numerosas virtudes que se relacionam entre si tornando virtuosa a própria vida.

Aos quatro Elementos correspondem as quatro Virtudes Cardeais da escolástica antiga, a saber: o Fogo à Força; o Ar à Justiça; a Água à Temperança e à Terra a Prudência. Aos três Princípios saídos destes quatro Elementos correspondem as três Virtudes Teológicas, que são: Enxofre Princípio, à Fé; Mercúrio Princípio à Esperança e Sal Princípio à Caridade. Aos dois Metais Filosóficos (Prata dos Sábios e Ouro dos Sábios) nascidos da copulação dos três Princípios (Enxofre, Mercúrio e Sal), correspondem as duas Virtudes Sublimais, a saber: Enxofre dos Sábios à Sabedoria e Mercúrio dos Sábios à Inteligência.

Estas duas Virtudes Sublimais, que a teologia clássica não reconhece como tais, quando conduzidas aos domínios dos dons do Espírito Santo, têm significação proeminente na Escritura Santa: "E Deus disse a Salomão: Porque tu não me pedistes uma longa vida, riquezas, nem a morte de teus inimigos, mas pedistes a Inteligência e a Sabedoria para agir com Justiça, Eu agirei segundo tua palavra, e te darei um coração pleno de Sabedoria e de Inteligência..." (Reis III, 10-12). Citamos também: "Pois isto te fará Sábio e Inteligente aos olhos dos povos..." (Deuteronômio, IV, 6). "Para conhecer a Sabedoria e sua instrução, para compreender as palavras da Inteligência..." (Provérbios, I, 2). "O princípio da Sabedoria é a crença no Eterno, e a ciência dos santos é a Inteligência..." (Provérbios, IX, 10). "Se tu deixares teu ouvido atento à Sabedoria, e se tu inclinares teu coração à Inteligência..." (Provérbios, II, 2, 3). "É Ele que dá a Sabedoria dos Sábios, e a ciência aos que possuem a Inteligência..." Daniel, II, 21).

Sabemos que, no ternário superior do sistema sefirótico da cabala dos hebreus, *Binah* (Inteligência) é o atributo que corresponde à visão, intuição, penetração e informação. Como tal, a Inteligência é então também o Conhecimento (Gnoses) das Coisas Divinas absolutas. Ela tem por par *Hochmah* (Sabedoria), que exprime muito bem a idéia da escolha do melhor dentre todos os dados acessíveis à inteligência (*Binah*). A Sabedoria pressupõe a inteligência, ela não opera em seu selo senão por eliminação. Ela é a submissão espontânea, inteligente, compreensiva, a um Bem que ela percebe como domínio dela própria. Como tal, a ciência das duas é a discriminação entre o Bem e o Mal. Então, a Inteligência é o Conhecimento máximo, e a Sabedoria é a utilização que dela se faz.

À "estação" mística de cada Virtude Cardeal corresponderá uma estação terrestre, um Elemento, um Temperamento, um modo ascético, e até mesmo um aspecto tetramórfico do divino, com o Arcanjo correspondente, segundo a Tabela:

Apóstolo	Virtude Cardeal	Dom do Esp. Santo	Estação	Ascese	Elemento	Arcanjo
Lucas	Prudência	Conselho	Outono	Silêncio	Terra	Uriel
Mateus	Temperança	Temor	Inverno	Solidão	Água	Gabriel
João	Justiça	Piedade	Primavera	Jejum	Ar	Rafael
Marcos	Força	Coragem	Verão	Vigília	Fogo	Miguel

Assim, à Prudência correspondem o Silêncio e a Terra. À Temperança correspondem a Solidão, e a Água. À Justiça, correspondem o Jejum e o Ar. À Força, correspondem a Vigília e o Fogo.

Encontramos estas quatro mortificações igualmente no Cristianismo, no Budismo, Islâmismo, e particularmente no simbolismo da Esfinge, com a tetralogia bem conhecida dos Ocultistas: SABER QUERER OUSAR CALAR (Água) (Ar) (Fogo) (Terra) a qual comporta os quatro Elementos dispostos exatamente como na base da Tetractys hermética, na ordem clássica: Água-Ar-Fogo-Terra. Esses elementos, manipulados pelo homem desejoso de evolução, através da Oração, da purificação interior e da auto-observação, darão nascimento às Virtudes Essenciais, em número de nove:

- quatro denominadas cardeais (do latim cardo: porta, elemento essencial),
- três denominadas teologais, pois elas têm essencialmente Deus por objetivo,
- duas denominadas sublimes, porque elas são o resultado mais elevado da prática das sete primeiras, e são, de qualquer sorte, sua sublimação.

Dom é presente, algo que recebemos de graça, sem mérito de nossa parte, mas por pura gratuidade de quem nos presenteou. Dom significa também “*qualidade natural*”, “*talento*”, “*capacidade*”, uma bagagem especial, própria de cada pessoa. Em ambos casos há uma intervenção misteriosa do Espírito Santo como doador de todos os dons. Toda pessoa é devedora ao Espírito. Ele distribui generosamente para todos, de inúmeros modos, seus inesgotáveis dons: “*Existem dons diferentes, mas o Espírito é o mesmo; diferentes serviços, mas Senhor é p mesmo; diferentes modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos, mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distri-*

buindo os seus dons a cada um, conforme ele quer” (I Coríntios 12,4-11).

Virtude	Dom do
Prudência	Conselho
Temperança	Temor
Justiça	Piedade
Força	Força
Caridade	Sabedoria
Esperança	Ciência
Fé	Inteligência
Inteligência	Integridade
Sabedoria	Graça

A Terra dos Filósofos: A Prudência

A **Prudência** é um princípio de ação moral que aperfeiçoa a razão prática do Homem, a fim de que em cada uma de suas ações ele disponha e ordene as coisas como lhe convém, ordenando a si mesmo (ou a todos cuja ação lhe seja subordinada e dependente), o que convém fazer a cada instante para a realização perfeita de cada Virtude. Ela é constituída, em suas aplicações correntes, de diversos aspectos, a saber:

- a lembrança de coisas passadas, ou memória;
- a visão clara de princípios de ação, gerais ou particulares;
- a reverência das coisas determinadas pelos sábios que nos precederam;
- a sagacidade para descobrir o que seria impossível de perguntar subitamente aos outros;
- o sadio exercício da razão, aplicado a cada ação;
- a previdência, ou a determinação desejada no momento da ação, quanto à substância deste ato;
- a circunspeção com respeito a tudo o que envolve o referido ato;
- a precaução contra tudo o que poderia

obstaculizar ou comprometer o resultado.

A Prudência é, apropriadamente falando, a virtude de comando:

- comando de si próprio, ou prudência individual;
- comando na família, ou prudência familiar;
- comando na Sociedade, ou prudência real.

Um Dom do Espírito Santo corresponde à Virtude da Prudência e é o **Dom de Conselho**. Compreende-se, sob este nome, uma disposição superior e transcendente que aperfeiçoa a razão prática do Homem. Esta disposição particular o deixa então pronto e dócil para receber o Espírito Santo (sem a procura particular), e tudo o que é necessário à iluminação final. Essa mesma disposição vem em auxílio da razão humana, cada vez que ela é necessária. Pois, mesmo provida das virtudes, adquiridas ou infundidas desde o nascimento, a razão humana está sempre sujeita a erros ou a surpresas (na infinita complexidade das circunstâncias que podem interessar sua ação), seja por ela mesma, seja por outrem. E aí reside, na maioria das vezes, o conjunto das armadilhas que a virtude da Prudência permite evitar! Como essencial ao desenvolvimento futuro, ela é a primeira a se adquirir, e antes de tudo o Dom de Conselho. **A Prudência** e o **Dom do Conselho** se obtêm pela prática do Silêncio, que corresponde à Terra Filosófica.

A Água dos Filósofos: A **Temperança**

A Temperança é uma virtude que mantém, em todas as coisas, a parte afetiva sensível ao comando da razão, a fim de que ela não se deixe levar pelos prazeres que interessam mais particularmente aos cinco sentidos exteriores. Ela se manifesta em diversos aspectos, a saber:

- a continência, consistindo na escolha de não seguir os movimentos violentos da paixão;

- a clemência, consistindo em moderar ou regradar, segundo a virtude da Caridade, um modo de corrigir o mal cometido por outros, e que a virtude da Justiça exige ver judiciosamente corrigido e expiado, coisas inelutavelmente necessárias;

- a mansidão, consistindo em descartar o movimento interior de paixão pela justiça, o qual não seria nada além da Cólera;

- a modéstia, consistindo em refrear, moderar ou regradar a parte afetiva em coisas menos difíceis que as precedentes (ou seja, o desejo de sua própria excelência, o desejo de conhecer o que não nos é imediatamente útil ou que é inútil para nossos fins, as ações e os movimentos exteriores do corpo carnal e, enfim, a ordem exterior), quanto à maneira de se comportar com relação à Virtude da Temperança. E este é o Dom do Temor.

O Dom do Temor consiste no fato de se ter presente, ante a Revelação Tradicional, uma imagem mais ou menos exata de Deus, com um santo respeito, em razão da excelência ou da bondade da Majestade Divina, da qual se teme afastar-se, por efeito de nossos erros e de nossas faltas. Consiste, também, no fato de considerar, relativamente à excelência dos fins últimos que nos propõe a Revelação Tradicional, todas as coisas baixas vindas dos prazeres dos sentidos, como perfeitamente inexistentes ou perigosas. A Temperança e o Dom do Temor se obtêm pela prática da Solidão, que corresponde à Água Filosófica.

O Ar dos Filósofos: **A Justiça**

A Justiça é uma virtude que tem por objetivo fazer reinar entre os Seres uma harmonia de relações, embaçada no respeito dos Seres entre si, e daquilo que constitui em diversos graus seus próprios bens, morais ou físicos, espirituais ou materiais. Ela tem por objetivo principal regular nossos deveres em relação aos outros Seres. Como tal, ela se distingue

da Caridade, que é de um espírito diferente e menos submisso a normas limitadoras. Ela faz reinar a paz e a ordem, tanto na vida individual, quanto na vida coletiva. Aplica-se tanto aos bens corporais, quanto à dignidade espiritual e reputação do próximo. Um Dom do Espírito Santo corresponde à Virtude da Justiça, e é o Dom da Piedade.

A Piedade consiste numa disposição habitual da vontade, que faz com que o Homem esteja apto a receber a ação direta e pessoal do Espírito Santo, levando-o a tratar Deus, Causa Primeira, considerado nos mais longínquos mistérios de sua vida divina, como um "pai" ou um "chefe" terna e filialmente reverenciado, servido e obedecido. Igualmente, a tratar todos os homens da mesma forma com que trata outras Criaturas racionais (Anjos, Espíritos, Demônios), em suas relações exteriores com elas, de acordo com o Bem Divino e Superior que as une em diversos graus, à Causa Primeira como ao pai da grande família divina. O Dom da Piedade é seguramente aquele que coloca o selo mais perfeito nas relações exteriores que os homens podem ou devem ter, seja entre eles, seja com Deus. É o coroamento da virtude da Justiça e de todos os seus anexos. **A Justiça** e o **Dom da Piedade** se obtêm pela prática do Jejum, que corresponde ao Ar Filosófico.

O Fogo dos Filósofos: **A Força**

A Força é uma virtude que tem por objetivo a perfeição, de ordem moral, da parte afetiva sensível no Homem. Ela consiste em lutar contra os maiores temores, e, também, moderar os movimentos de audácia mais atrevidos, a fim de que o Homem, nestas ocasiões, não se desvie jamais de seu dever. Ela se ma-

nifesta em diversos aspectos, que são:

- a magnanimidade, consistindo em fortalecer a esperança, no sentido das obras grandes e belas, que desejaria concluir;
- a magnificência, consistindo em uma disposição da parte afetiva, que fortalece ou regra o mecanismo da esperança, em relação ao que é árduo e custoso de concluir;
- a paciência que é apropriada para suportar com estoicismo, em vista da Reintegração final, todas as tristezas que possam nos vir na vida presente, e também suportar mais particularmente a intervenção hostil dos outros homens em suas relações conosco, ou ocasionalmente, aquelas do Espírito do Mal;
- a perseverança, que consiste em combater o medo da duração de um esforço em direção ao Bem, ou seu fracasso.



Um Dom o Espírito Santo corresponde à virtude da Força é o Dom do mesmo nome, também denominado Coragem. Mas ainda que a virtude deste nome não lembre senão os obstáculos

e os perigos que estão ao alcance do Homem sobrepujar ou a eles sucumbir, o dom correspondente do Espírito Santo se endereça aos perigos e às maldades, cujo sobrepujar não está em poder apenas do Homem. Assim, o Dom da Força (ou da Coragem) permite-lhe suplantar a dor que acompanha a separação, própria da Morte, de todos os bens e alegrias da vida presente, sem dar, por ele mesmo, o único bem superior, que as compensaria e preencheria sua ausência *ad infinitum*, saber da Reintegração e da Vida eterna que dela decorre. Esta substituição efetiva, fácil e desejada, da Reintegração em lugar de todos os males e misérias da vida

terrestre, apesar das dificuldades e dos perigos que possam se por no caminho do Homem que marcha em direção ao Objetivo Supremo (aí compreendida a própria Morte, que resume a todos), é obra exclusiva do Espírito Santo, de sua ação própria. E segundo o Dom da Força (ou da Coragem), que o Homem é, então, amadurecido pelo Espírito Santo. Se bem que o objetivo essencial desse dom seja, de fato, a vitória do Homem sobre a Morte e sobre todos os terrores que ela inspira. **A Força e o Dom deste nome** (ou Coragem), se obtém pela prática da Vigília, que corresponde ao Fogo Filosófico.

O Sal Príncipio: **A Caridade**

A Caridade é uma virtude que nos eleva a uma vida de comunicações, primeiramente com as Potências Celestes intermediárias, depois, com o próprio Plano Divino, segundo sejamos merecedores e dignos de tal comunicação. A Caridade considerada sob o aspecto de contato, de comunicação mística, supõe em nós duas coisas:

- uma participação de Natureza Divina quem divinizando nossa própria natureza, nos elevará, a despeito de toda a ordem natural, seja humana, seja Angélica (acima do mundo inicial de manifestação da Criação), até a ordem que é própria de Deus, fazendo de nós deuses (deuses secundários, evidentemente), e nos introduzindo em sua intimidade. Donde a frase do Salmo: “Deus se levanta da Assembléia Celeste, em meio aos deuses ele julga...” (Salmo 82), e aquela do Evangelho: “Eu vos digo: vós sois deuses...” (João, X, 34);

- princípios de ação, proporcionado por este estado divino, que nos põe em condições de agir como verdadeiros agentes secundários, filhos de Deus, como o próprio deus age, conhecendo Omo ele conhece, amando como ele ama, alegrando-se como ele se alegra.

Estas duas realizações místicas estão intimamente ligadas à presença, na Alma do Adep-

to, da Caridade absoluta. A Caridade absoluta decorre de um ato de amor total, pelo qual o homem deseja de Deus esse bem infinito que a Fé lhe revelou, e que ele deseja, para si e para os outros Homens, Bem este que é inseparável de Deus. A Caridade comporta certos aspectos secundários:

- a Misericórdia, que faz com que se compadeça com a miséria dos Seres, em todos os aspectos ontológicos da vida, e que se sinta esta miséria e esse sofrimento a seus mesmos, a ponto de sofrê-los, real e intimamente;

- a Beneficência, que faz com que estejamos, imediatamente e sempre, prontos a impedir o mal e a facilitar o bem, tanto no domínio espiritual quanto no domínio material. O Homem, ser dotado de uma consciência que não participa em seus próprios compromissos, não saberia em efeito ignorar o mal e o bem, mesmo conhecendo os dois, pretende situar-se “além” de um e de outro, ou seja, iludir suas próprias responsabilidades.

Um Dom do Espírito Santo corresponde à virtude da Caridade e é o Dom da Sabedoria que não deve ser confundido com a virtude sublimar de mesmo nome. O Dom da Sabedoria (que não é, pois, A Sabedoria) faz com que o Homem, sob a ação oculta do Espírito Santo, julgue todas as coisas por sua inteligência, tomando como norma ou como regra própria de seus julgamentos, a mais alta e mais sublime de todas as Causas que é a própria Sabedoria Divina, tal qual ela tem se dignado a manifestar-se a nós pela Fé, o Enxofre dos Filósofos. A Caridade corresponde, na vida iniciática, ao voto de Pobreza que é o primeiro postulado, que faz com que desprezemos os bens, as honras e as alegrias deste Mundo inferior. É pelo voto de Pobreza que obtemos igualmente o Dom da Sabedoria.

O Mercúrio Príncipio: **A Esperança**

A Esperança é uma virtude que faz com que

nossa vontade, apoiada sobre a ação divina, nos conduza para Verdades Eternas, que a Fé nos tem revelado, como aquilo que pode e deve ser um dia nossa iluminação total. Esta virtude é absolutamente inacessível sem a Fé que ela pressupõe necessariamente, pois é somente a Fé que dá à Esperança o objetivo e o motivo sobre a qual ela se apóia. Um Dom do Espírito Santo corresponde à virtude da Esperança e é o Dom da Ciência.

A Ciência sob ação do Espírito Santo deve poder julgar com uma certeza absoluta e uma verdade infalível (não usando aqui o procedimento natural da razão, mas instintivamente e de forma absolutamente intuitiva), o verdadeiro caráter das coisas criadas em suas relações com aquelas da Esperança segundo devam elas ser criadas e professadas, ou devam servir de objetivo à nossa conduta, sabendo assim imediatamente o que, no Mundo material, está em harmonia com as Verdades Eternas ou, ao contrário, em oposição. A Esperança corresponde, na vida iniciática, ao voto de Castidade (que não é, segundo o casamento cristão, a continência sexual). O voto de Castidade que é seu primeiro postulado, permite ao Homem libertar-se pouco a pouco da escravidão dos sentidos, assim como ao casal humano ordinário, de trabalhar, de maneira natural e legítima, na perpetuação das formas da Espécie, sem depravar-se mutuamente. É também pelo voto da Castidade que obtemos o Dom da Ciência.

O Enxofre Princípio: **A Fé**

A Fé é uma virtude que faz com que nossa inteligência se uma, muito firmemente e sem receio de enganar-se mesmo que ela não perceba de forma inteligível, a tudo o que lhe chega pelo Canal da Revelação Tradicional, notadamente sobre Deus, sobre sua vontade de comunicar ao homem a Reintegração como objetivo de seu derradeiro fim, sobre a existência de um Mundo invisível, do qual este aqui não é senão o reflexo imperfeito e invertido. Um Dom do Espírito Santo corres-

pondente à Fé é o Dom da Inteligência que não devemos confundir com uma das duas virtudes Sublimais deste nome.

O Dom da Inteligência (que não é a inteligência) ajuda a virtude da Fé no conhecimento da verdade divina, fazendo com que o Espírito do Homem. Sob a ação do Espírito Santo, penetre o sentido dos termos que comportam as afirmações da Revelação Tradicional, de todas as proposições que possam levá-lo a compreendê-los de forma plena, ou ao menos (no caso dos mistérios profundos), poder aproximá-los, mas conservando intacta toda sua importância. A Fé corresponde a vida iniciática, ao voto de Obediência que é seu primeiro postulado, e permite obter o Dom da Inteligência.

A Prata dos Sábios: **A Inteligência**

A Inteligência é o atributo daquilo que corresponde à visão, à intuição, à penetração e à informação. Como tal, a Inteligência é, portanto, o conhecimento (gnose) das Coisas Divinas Absolutas a Ciência do Bem e do Mal. É ela que nos dá o discernimento dos Espíritos, a possibilidade de perceber, sob as espécies ou objetos materiais, aquilo que os relaciona aos pólos opostos do Bem e do Mal, da Luz e das Trevas. Ela nos faz penetrar o sentido oculto das palavras, o esoterismo dos textos, sua significação superior, e mais particularmente o sentido profundo das escrituras cristãs, ou dos Livros Santos de outras religiões. Segundo Santo Tomás de Aquino, discípulo de Alberto, o Grande, a Inteligência nos revela (o simbolismo superior dos Signos Sensíveis: ritos, símbolos, meterias sacramentais, etc". ela nos faz perceber, sob as aparências as realidades espirituais e nos reflexos imperfeitos este mundo, as realidades celestes deformadas ou veladas. Assim, no carpinteiro de Nazaré, o Logos Criador; depois, no Cristo deixando os Apóstolos na Ascensão, sua Glória futura na época da Parusia, no Fim dos Tempos. A Inteligência nos mostra os efeitos na causa, por exemplo, no

sangue de Cristo, derramado no Calvário, a purificação de nossa Alma e nossa reconciliação, para empregar um terno bem conhecido de Martinez de Pasqually. E no flanco perfurado do Cristo, semelhante ao Pelicano hermético da Rosa-Cruz, ela nos revela a fonte invisível e única dos Sacramentos essenciais. Esta Virtude nos mostra as Realidades Eternas atingidas pela Fé sob uma clareza tal que, sem no entanto compreende-las sempre de forma total, ela nos fortalece em nossa certeza, não mais intuitivamente como pela Fé, mas por um tipo de visão intuitiva e subconsciente. Em um grau superior, ela nos dá uma visão parcial de Deus, não revelando-a totalmente, o que é impossível, mas nos fazendo compreender com uma certeza absoluta o que Ele não poderia ser. A Inteligência nos revela então, o que Denys o Aeropagita denominava a “treva divina”. O Dom do Espírito Santo correspondente à Inteligência é o Dom da Integridade.

O Ouro dos Sábios: **A Sabedoria**

A Sabedoria consiste na escolha do melhor entre as coisas acessíveis à Inteligência. A Sabedoria pressupõe a Inteligência, e opera nesta apenas por eliminação. Ela é a submissão espontânea, inteligente e compreensiva, a um bem que ela percebe como dominante como tal, e uma discriminação entre o Bem e o Mal, a Ciência desses dois opostos. Se a Inteligência é o Conhecimento total, a Sabedoria é, portanto, a utilização que dele se faz. É, de qualquer forma, um aspecto superior, por ser resultado da ação da Fé e da Caridade, do Mercúrio Princípio e do Sal Princípio.

A Sabedoria nos faz julgar todas as coisas segundo a mais alta das Causas, da qual todas as outras dependem, e ela mesma não depende de nenhuma. É, então, por tal virtude que o Adepto pode atingir o mais alto grau de conhecimento acessível ao ser humano neste mundo, visto que esse conhecimento não reside apenas em um fenômeno de percepção geral (como na Inteligência, Ciência do

Bem e do Mal), mas em um fenômeno de percepção particular, que é, de fato, a Ciência apenas do Bem, de seu conhecimento absoluto. E igualmente, é a Caridade que está na base do nascimento da Sabedoria em nós. Em efeito, a Caridade absoluta, nós já vimos, surge de um ato de amor total, pelo qual o Homem deseja de Deus, esse Bem infinito que a Fé lhe fez conhecer, e que ele deseja para si mesmo e ara todos os outros Seres, Bem esse, inseparável de Deus. A partir de então, não buscando senão esse Bem, tendo-o compreendido e definido, ela não poderá mais confundi-lo com seu oposto, e, em tudo o que possa arrastar sua inteligência das coisas, de sua visão de todas as “possibilidades” em Deus, é este ato de amor total que lhe servirá de pedra de toque. A Sabedoria será o filtro de ação da sua inteligência. O Dom do Espírito Santo correspondente à Sabedoria é o Dom da Graça.

O trabalho diuturno do Iniciado é tornar-se apto a desenvolver as virtudes ao máximo e a receber, pela Graça, os Dons a elas correspondentes. Através da purificação dos pensamentos, emoções, sentimentos, enfim, pela Alquimia Interior, é que desenvolve o Corpo de Glória, meditando, orando e trabalhando em todos os momentos para tornar possível esse objetivo.

Saindo do Individualismo rumo à Individualidade

O dicionário define a individualidade como: 1 O que constitui o indivíduo. 2 Conjunto das qualidades que caracterizam um indivíduo. 3 (Filosofia) A parte imperecível e imortal do homem. Distingue-se da personalidade, que perece quando o homem abandona a existência física.

E o individualismo como: 1 Posição de espírito oposta à solidariedade. 2 A capacidade de poder existir separadamente. 3 Existência individual. 4 Teoria que fez prevalecer o di-

reito individual sobre o coletivo. 5 (Sociologia) Doutrina que preconiza a importância ou valor da pessoa e procura diminuir o papel da tradição e autoridade como fatores determinantes do pensamento e da ação.

Individualismo é um outro nome para o velho conhecido egoísmo. E todos nós, indiscutivelmente, nos vemos cercados de atos individualistas e, em contrapartida, protagonizamos atos igualmente individualistas. Porém, existe uma outra concepção, também baseada no conceito de indivíduo, essencial para o crescimento, para o amadurecimento, para o autoconhecimento e para o aperfeiçoamento: a individualidade. O ser individual não vê as diferenças como uma constante ameaça a ser tolerada, menosprezada ou até mesmo eliminada, mas respeitosa e considera apenas o que legitimamente são: outras formas e possibilidades de se viver e agir no mundo. O ser individual procura sempre corrigir a si mesmo, pois sabe que as pequenas mudanças pessoais, quando somadas, fazem uma tremenda diferença. Aquele que opta pelo caminho da individualidade conscientemente sabe o quão importante é poder andar com independência por um Caminho que é para todos, sem distinção. Jung definiu individuação como um processo por meio do qual uma pessoa se torna consciente de sua individualidade. Individualidade pode ser definida como o conjunto de atributos que constituem a originalidade, a unicidade de uma criatura, e que a distinguem de outras tantas; é o somatório das características inerentes à alma humana. Toda criatura que se individualizou tornou-se um ser homogêneo, pois não mais procura comparar-se com os outros, admite a sua singularidade.

O ser vivente, atravessando inúmeras etapas evolutivas através das mais diversas encarnações, traz consigo uma gama imensa de traços de personalidade acumulados nas vidas pretéritas, assemelhando-se a verdadeiras "fotocópias do passado". Por não termos uma percepção clara de nossa real identidade é

que somos escravos da opinião alheia. Em determinadas fases de nossa vida, pensamos ser aquilo que os outros pensam que somos. Somos dependentes. Em outras deixamos a dependência e a submissão aos outros e nos tornamos unicamente vinculados àquilo que pensamos de nós mesmos. Somos independentes. Entretanto, quando tudo sugere tranquilidade e certeza, surge um vazio existencial; parece faltar algo de fundamental em nossas vidas e entendemos que estamos ainda na superfície de nossa intimidade. Aí se inicia a busca mais profunda em nosso interior - o processo de individuação. A máscara de autonomia que usávamos cai e descobrimos que representava apenas um compromisso entre nós e a sociedade quanto àquilo que alguém aparenta ser: nome, sexo, nacionalidade, título, profissão ou ocupação. Na realidade, todos esses dados são verdadeiros; mas, quando se trata de nossa individualidade profunda, eles pouco representam, pois estão ligados às realizações externas e aos objetivos do ego. O passo essencial no processo de individuação é a retirada de nossa máscara ou persona - personalidade que nós apresentamos aos outros como real, mas que em muitas ocasiões, difere consideravelmente da verdadeira. Embora a máscara tenha funções psicológicas importantes para a nossa proteção em certos períodos da vida, ela também turva e oculta o nosso "Eu" real, ou seja, a alma. Para nos tornarmos um indivíduo, são necessários o exercício do autoconhecimento e uma constante autoobservação, para que possamos distinguir com nitidez o que somos agora e o que fomos ontem, sem querer acomodar todos os pontos de vista das pessoas com as quais convivemos.

Individualizar-se é reconhecer a própria maneira de desenvolver-se física, emocional e espiritualmente. As leis naturais que dirigem a vida são sábias e justas e agem em cada indivíduo de forma relativa e não generalizada. A Onipotência Divina leva em conta a imensa diversidade dos níveis de amadurecimento dos seres humanos; portanto, o juízo é sem-

pre proporcional ao estágio evolutivo de cada criatura. Ao nos identificarmos com nosso "Eu" mais profundo, reconhecemos que somos espíritos imortais e, por conseqüência, emerge de nossa intimidade uma consciência liberta do mundo mesquinho, diminuto e pessoal do ego, ou seja, do individualismo. Aberta a uma postura ética de participação nos interesses coletivos, a consciência identifica-se com uma cosmovisão, onde todas as coisas estão ligadas por sutil e complexa malha de fios invisíveis.

O grande objetivo do Iniciado deve ser alcançar esse estágio de independência, de individualização quando realmente se torna capaz de caminhar com seus próprios pés, de pensar com sua própria mente e de agir de acordo com o desejo real de sua alma. Muitos ainda não alcançaram o significado da individualidade na sua maior profundidade, isto é, ainda são dependentes, ainda agem de maneira egoísta, são individualistas em muitos de seus sentimentos, pensamentos e atitudes. Porém, embora lentamente, cresce a necessidade de superação, de abertura e de crescimento o que seguramente o remeterá a um nível superior de consciência onde se abrirá o entendimento da individualidade como cura para o individualismo que nos separa uns dos outros e da união mística com Deus.

Conhecendo e compreendendo os diversos níveis da alma

Os corpos do homem dividem-se em cinco níveis, segundo a Cabala, de acordo com seu grau de pureza. São eles, do mais grosseiro ao mais sutil:

- 1 – Nefech ou Nefesh
- 2 – Rouach ou Ruach
- 3 – Nechamá ou Neshamá
- 4 – Haya ou Chaiá
- 5 – Yehida ou lechidá

Nefech, *Rouach* e *Nechamá* pertencem ao plano pessoal, enquanto *Haya* e *Yehida*, ao plano transpessoal. *Nefech* é a vitalidade, o sopro de vida, o nível de alma que permite a atividade simultânea e coordenada do corpo físico, e a ele está intimamente ligada; abandoná-lo significa a morte. *Nefech* corresponde, no homem, ao *Olam HaAssiá* (o mundo da Ação ou Produção que é o mundo físico ou sensorial, a Criação no seu maior grau de materialidade, os reinos mineral, vegetal e animal, onde o homem habita desde a Queda) na Criação, e circula apenas neste plano físico, junto ao corpo.

Rouach é o nível de alma relacionado às emoções. Não está diretamente ligada ao corpo físico, mas a *Nefech*. Isso lhe dá uma certa independência, e *Rouach*

pode abandonar o corpo, nos estados oníricos ou contemplativos, trazendo impressões do *Olam Haletzirá*, (o mundo da Formação, habitado por hostes angelicais, é o mundo planetário, onde a idéia adquire forma, composta de matéria astral, e onde a separação já se distingue em elementos relativamente independentes) pois *Rouach* corresponde ao plano da Formação ou astral, e nele circula, mesmo que a grande maioria não tenha consciência disso.

Nechamá, o nível sutilíssimo da alma, é a verdadeira essência do homem. É independente do corpo e apóia-se em *Rouach*, ativando-a.



Nechama é responsável pelo mais elevado grau de discernimento no homem, tanto intelectual quanto espiritual, e circula em *Olam HaBriá*, o mundo da Criação (mundo habitado por seres angelicais, é a idéia original da Criação, o potencial, a semente de tudo o que existe. É o plano da Criação pré-concebida, onde tudo preexiste, e até mesmo a maior genialidade aí se encontra, em potencial), e desse plano das idéias pode colher grandes revelações.

Nechamá é a Centelha Divina no homem. Toda criatividade humana de caráter genial, seja no terreno da ciência, da arte ou da filosofia, bem como as grandes revelações de ordem profética, provêm dos impulsos de *Nechamá* que, por sua natureza espiritual, eleva-se a altos níveis de compreensão e proporciona ao homem uma possibilidade de sintonia e identificação com o todo, mesmo que, na maioria dos casos, inconscientemente.

O *Zohar* compara brilhantemente a alma humana graduada em três níveis à chama de uma vela. A parte inferior da chama está unida ao pavio, e é de coloração mais escura. Assim como o pavio serve de apoio para a parte escura da chama, que representa *Nefech* ligada ao corpo, a chama escura serve de apoio à chama branca, que é *Rouach*. Assim como *Rouach*, que pode circular independente do corpo físico, a chama branca e superior é livre, e move-se em todas as direções. Acima da chama branca há uma luminosidade, um halo de luz envolvendo toda a chama, que é como *Nechamá* no homem. Enquanto a chama se eleva e ilumina ao redor, a vela vai se consumindo, até desaparecer, e libera aquela luminosidade. Tal é o destino de *Nechamá*, após a morte do corpo físico. Ascende ao seu plano, junto àquelas que lhe são semelhantes.



Nefech, *Rouach* e *Nechamá* manifestam-se no homem em épocas diferentes. *Nefech*, na hora do nascimento, como sopro de vida; *Rouach* manifesta-se como comunicação, não a comunicação passiva de *Nefech*, baseada nas sensações, mas a comunicação ativa, baseada nos sentimentos, emoções e desejos; *Nechamá* identifica-se como discernimento, na fase da puberdade. Assim:

Nefech – Sensações

Rouach – Comunicação

Nechamá – Discernimento

O cabalista, no trabalho de unificação dos mundos, promove simultaneamente a unificação dos três níveis de sua alma, por analogia. *Haya* e *Yehida* são os níveis mais elevados da alma. Circulam nos planos espirituais e encerram a essência da individualidade do homem, aquela que se preserva e se acumula através das várias encarnações, desprezando as características temporárias da personalidade. Estes dois níveis da alma, *Haya* e *Yehida*, representam os níveis sublimes da cognição intuitiva e considera-se que só estão ao alcance de alguns indivíduos escolhidos.

Os Sete princípios do Homem, segundo a Teosofia, são os veículos que ele possui para manifestar-se nos diversos planos. Em seu conjunto formam a constituição setenária do Homem. Costuma-se usar expressões em sânscrito para designar estes princípios, devido a estas idéias serem inspiradas no Hinduísmo. Um princípio, para a Teosofia, é um começo, um fundamento, uma fonte e uma essência de onde as coisas procedem. Princípios são assim as essências fundamentais das coisas. Estes princípios, tanto no Homem quanto na natureza, são teosoficamente enu-

merados como sete. Segundo a Teosofia, o sete é o número fundamental da manifestação, freqüentemente encontrado em diferentes cosmogonias, assim como nos dogmas de diversas religiões e na tradição de muitos povos antigos.

O Homem, assim como a natureza, é chamado de "*saptaparna*" (planta de sete folhas), simbolizado por um triângulo sobre um quadrado. Nesta constituição setenária, podemos entender o *Atman* como a coroa que encima a constituição humana (a ponta superior do triângulo), fornecendo-lhe o seu espírito imortal. Podemos dizer que a Tríade superior é a parte imortal da natureza humana, o "*espírito*" e alma da terminologia Cristã, enquanto que o Quaternário inferior é a parte mortal, o "*corpo*", do Cristianismo. Segundo Blavatsky, o Absoluto emana de si raios, que são chamados de *Mônadas* ou *Atman*. Estas *Mônadas* são a Essência Imortal do Homem. O *Atman*, com o objetivo de individualizar-se, emana de si um princípio mais denso chamado *Budhi*. Este díade *Atman-Budhi* reveste-se de princípios cada vez mais densos, e em número de sete:

Atman - O raio do Absoluto, nossa Essência Divina;
Budhi - Nossa Alma Divina;
Manas - Nossa Alma Humana, ou Mente Divina. É o elo entre a Díade *Atman-Budhi* e nossos princípios inferiores; O corpo mental de *Manas* inferior;
Kâma Rupa - O corpo de desejos ou corpo emocional, o corpo astral na literatura Teosófica posterior a Blavatsky;
Prâna - O corpo vital;
Linga Sharira - O duplo etérico, o corpo astral na Teosofia de Blavatsky;
Sthula Sharira - O corpo físico, corpo denso.

Importante observar que, embora aqui tenhamos enumerado os princípios de cima para baixo, na Teosofia, eles são enumerados de baixo para cima, sendo *Sthula Sharira* o primeiro princípio e *Atman* o sétimo. A triá-

de *Atma-Budhi-Manas* é a parte superior e imortal do Homem, sendo os restantes quatro princípios chamados de "*princípios inferiores*" ou "*quaternário inferior*". A constituição setenária proposta por Blavatsky e a Teosofia é uma síntese de idéias da filosofia oriental (*Advaita Vedanta*, *Samkhya*) e ocidental (*Platonismo*, *ocultismo*). Todas estas correntes concordam que a constituição humana é formada por sete princípios. Embora a idéia original de Blavatsky tenha sofrido posteriores modificações, feitas por esoteristas como Leadbeater, Rudolph Steiner e Alice Bailey, a descrição dos sete princípios de Blavatsky permanece como uma parte central no pensamento esotérico ocidental.

A constituição do Homem segundo outras religiões e filosofias

Na literatura rosacruciana de Max Heindel (que foi também teósofo), fundador da Fraternidade Rosacruz, é apresentada uma constituição sétupla do Homem. Neste caso, diz-se que o homem é um Espírito tríplice (ou Ego formado por três aspectos: Espírito Divino, Espírito de Vida e Espírito Humano), possuindo uma mente que governa, como uma reflexão invertida, o tríplice corpo (corpo denso, corpo vital e corpo de desejos). Assim, durante o presente "*Dia de Manifestação*" que elevará o homem da impotência à onipotência (da inocência à virtuosidade), o Espírito Divino emana de si o corpo denso extraindo como alimento a Alma consciente; o Espírito de Vida emana de si o corpo vital, extraindo como alimento a Alma intelectual; e o Espírito Humano emana de si o corpo de desejos, extraindo como alimento a Alma emocional. Além disto, outras correntes rosacruzes, como é o caso da Fraternitas Rosicruciana Antiqua, preferem propor uma constituição humana formada por três princípios: Corpo, alma e espírito. Neste esquema tríplice, o Corpo é associado ao corpo denso; a alma é associada ao corpo astral; e o espírito aos princípios superiores do homem. A alma se constitui no elo que une e liga o

corpo e o espírito. Um idéia semelhante é o perispírito da doutrina espírita, elemento mais sutil que o corpo, porém mais denso que o espírito e que o reveste. Interessante observar que uma constituição tríplice do Homem (corpo, alma e espírito) também é aceita pela Igreja Católica.

A Alma e os Quatro Corpos Inferiores

Os homens vivem em uma realidade física. Esta realidade física é vivenciada em nosso dia-a-dia, pelos nossos quatro corpos, chamados inferiores:

- corpo físico;
- corpo emocional;
- corpo mental;
- corpo espiritual.

É de fundamental importância que estes quatro corpos estejam sintonizados uns com os outros, equilibrados, pois se isto não acontecer será fato gerador de desequilíbrios bioenergéticos. Nossos corpos inferiores são chamados assim porque apresentam em sua vibração uma frequência mais lenta, quando comparados com nossos corpos superiores que não são utilizados em nosso plano de existência do mundo físico. No total são sete os corpos que possuímos os quatro inferiores e os três superiores. Costumamos atribuir à *alma* a união destes quatro corpos inferiores. Todos os quatro corpos inferiores são de vital importância em nossa vida física, principalmente para podermos evoluir como seres cósmicos que somos. O corpo físico é utilizado como veículo dos corpos emocional, mental e espiritual, portanto se faz altamente necessário mantê-lo cuidado e saudável. O corpo emocional é o arquivo de nossos sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Sentimentos negativos como, ódio, medo, rancor, dúvida, culpa e outros, são extremamente prejudiciais e atrasam a evolução. Este arquivo emocional é cumulativo, portanto, tais sentimentos negativos podem acompanhar o homem através de várias encarnações. Os sentimentos afetam os outros

três corpos negativa ou positivamente, segundo sua natureza.

O corpo mental é responsável pelos nossos registros cósmicos, ou seja, o que fazemos e o que somos fica gravado, e sempre que quisermos, podemos utilizar estes registros. Costumamos dividir o corpo mental em mental inferior e mental superior. Mental superior seria o responsável pelos registros cósmicos e mental inferior, seria a mente do dia-a-dia, abstrata. Esta mente inferior deve ser controlada e educada para a construção e definição da personalidade, pois é impossível ter uma mente superior equilibrada sem antes equilibrar a mente inferior. Estes corpos são os veículos que a nossa alma usa durante a sua jornada na Terra. Assim, a figura inferior na imagem corresponde ao Espírito Santo, pois a nossa alma e os quatro corpos inferiores estão destinados a ser o templo do Espírito Santo. O nosso corpo etérico, também chamado o corpo da memória, contém o padrão da nossa identidade. Contém ainda a memória de tudo que já se PASSOU com a nossa alma e de todos os impulsos que já foram enviados pela nossa alma desde que fomos criados. O nosso corpo mental é o veículo das nossas faculdades cognitivas. Quando está purificado pode tornar-se o cálice da Mente de Deus. O corpo de desejos contém os nossos desejos superiores e inferiores e registra as nossas emoções. O nosso corpo físico é o milagre de carne e sangue que permite à nossa alma progredir no universo material.

Reconhecendo a diferença entre

Alma e Centelha Divina

A Alma não é matéria, é energia pura. A matéria tem princípio, meio e fim. Temos a matéria densa, sólida e a matéria sutil que são diferentes estados de matéria, assim como os estados da água: gelo (sólido), a água (mais fluido) e o vapor (sutil). Nossos corpos físico, astral e mental são matéria, são finitos, eterna é a Alma.

O homem tem dois tipos de alma: a "*alma animal*" (Nefesh HaBehamit), faísca de Deus contida no sangue, a dizer, nos processos da vida químico-fisiológica, é responsável pelos sentimentos e pela inteligência natural do ser humano. Está escrito na Torá: "*A força vital da carne está no sangue*" (Levítico, 17:11). Como esta "*alma animal*", para atender suas necessidades materiais, afasta o homem do plano espiritual, é chamada no Talmud, de "*má inclinação*" (Yetzer HaRá). Este tipo de alma não existe somente no homem, mas em todas as criaturas vivas. Transmitida através do material genético no momento da concepção, expande-se constantemente à medida que a criatura amadurece. Conseqüentemente, a inteligência das diversas espécies animais varia muito de uma espécie a outra. O intelecto do ser humano é muito diferente do intelecto dos animais, e sua "*alma animal*" é responsável por atributos e faculdades distintos como: imaginação, memória, inteligência e vontade. Além desse "eu" material, o homem possui também uma alma que é única entre todas as criações Divinas. Ao descrever a criação de Adão, diz a Torá: "*Deus formou o homem da poeira da terra, e depois soprou em suas narinas a alma da vida (Nishmat Chaim)*". O homem, então, tornou-se uma criatura viva - Nefesh Chayá (Gênese, 2:7).

A Torá está indicando que a alma humana veio diretamente da Essência mais íntima de Deus. O restante da Criação, por sua vez, foi criado por Deus através da Palavra Divina, que é de um nível inferior, pois assim como as ondas sonoras são geradas por uma pessoa mas não constituem a própria pessoa, da mesma forma o restante da Criação emana do Poder de Deus, mas não de Sua Essência. Este segundo tipo, a "*alma divina*", é uma entidade espiritual muito diferente e mais elevada que a alma "*animal*". É a "*divina*" que dirige a "*animal*" - nosso lado material - e é através dela que a alma, como um todo, cumpre suas funções e sua missão na terra. Em cada momento da vida do homem neste mundo físico, interagem o lado espiritual e o material,

um influenciando o outro. O contato e a atração mútua entre o corpo e a alma criam uma contingência, uma situação única, gerando a pessoa humana, que não é nem só corpo nem só alma, mas uma fusão dos dois. A "*alma divina*" é freqüentemente denominada "*entidade singular*" por ser única em sua missão. Pois, apesar de todos os laços que unem cada alma individual à sua Fonte Superior, cada uma dessas é única e especial em sua essência, em sua capacidade e naquilo que delas se exige. Não há duas almas que coincidam quanto aos atos, funções e caminhos que percorrem. Segundo o Talmud, antes de vir para o mundo nosso saber é ilimitado. Nossa alma é repleta de sabedoria, mas ao nascer, um anjo "*arquivo*" todo esse conhecimento em nosso inconsciente. E, assim, no decorrer da vida devemos "*reaprender*" essa sabedoria, transformando-a em realizações.

A Cabala ensina que o homem criado à "*imagem de Deus*" é um microcosmo de Seus poderes, e as qualidades básicas da mente e da emoção humana são o reflexo das "*Qualidades*" usadas por Deus para criar e governar Sua criação. As faculdades mentais do homem refletem o Intelecto que Deus usou para criar o mundo e, desta forma, o homem tem a capacidade de compreender as leis e a lógica da Criação. A busca do "*eu verdadeiro*" deve trilhar o caminho da alma, pois esta é a verdadeira essência do homem, sua parte infinita, seu eu inapreensível. É quem nos dá a vida, é o centro espiritual, a parte do ser que ama, sente, percebe. É a fonte de energia inesgotável que permite criar, verbalizar, conectar-se com os outros em nossa volta e se manifesta através da mente, das emoções e dos atos. O homem é composto das mesmas "*forças fundamentais*", da mesma "*matéria prima*" através das quais Deus deu forma e conteúdo à Sua Criação: as Dez Sefirot. Estas se originam no Infinito do Ein Sof e emanam através dos mundos, criando uma "*corrente espiritual*" que liga e vivifica todas as coisas. É através das Sefirot que a Energia Divina flui, permeia e se torna parte de cada coisa vivente.

No centro de Sua Criação, Deus colocou o homem, insuflando-lhe uma centelha Divina, que se constitui na essência de sua vida interior. Apesar de ser o homem composto de matéria e espírito, seu corpo é somente o invólucro material dessa faísca Divina. Criando o homem à Sua imagem, Deus deixou-o livre para escolher caminhos e para transcender a si mesmo, a suas contradições internas, suas inclinações, sendo capaz de atingir as alturas e as profundezas espirituais. Deixou-o livre para se afastar ou se aproximar Dele. No homem, a busca de si mesmo, de seu “*eu verdadeiro*”, inicia-se com o primeiro vislumbre de consciência e perdura até o último fôlego. Todo homem anseia imbuir sua existência de sentido e objetivo, mas a realidade física em sua volta, bem como seus medos e desejos, interferem em sua percepção. Às vezes, ao acelerar o ritmo de sua vida para obter as coisas que deseja, acaba relegando para um segundo plano a procura do eu verdadeiro.

A Centelha Divina, a *Neshamá*, é o “*cordão umbilical*” que transcende todos os universos e nos liga ao Infinito, o Ein Sof, a Deus. Sendo composta da essência interior das Sefirot, a alma humana manifesta os atributos ou qualidades das mesmas. Portanto, pode-se dizer que a alma do homem é o “*cabo condutor*” através do qual fluem e se individualizam as Dez Sefirot, enraizadas no mundo espiritual, tornando-se as bases de nossas personalidades. O homem está ligado a um sistema de mundos superiores, apesar de este sistema não lhe estar revelado. Cada um de nós é composto por fluxos espirituais de energia que definem nossa personalidade. Através de nossas ações e como resposta a estas, que estabelecemos (ou não) um equilíbrio entre o espiritual e o material nossa mente e nossas emoções, assim como entre nós e o mundo que nos cerca. A jornada mística da busca do “*eu verdadeiro*” se inicia com a conscientização deste fato espiritual da vida. Para a Cabala, as Sefirot não são um sistema teológico abstrato, mas sim um mapa da consci-

ência humana através do qual poderão ser descobertas as dimensões do ser, pois a totalidade espiritual e psicológica do ser humano pode ser obtida pela meditação nas qualidades de cada Sefirá e pela imitação dos atributos Divinos. Estas descobertas poderão levar a uma revolução na percepção do sentido da vida. Um dos preceitos básicos do Judaísmo é que a vida tem sentido, e a meta do homem é se aperfeiçoar e aperfeiçoar ao mesmo tempo o mundo à sua volta.

A Cabala ensina que o homem é a única criatura que tem como superar sua natureza interna, suas inclinações, aperfeiçoar-se espiritualmente aproximando-se desta forma de seu Criador. Deus disse a Abraão: “*Vai*”. Segundo os sábios, este versículo tem uma mensagem que se destina a todas as pessoas. “*Vai para dentro de ti mesmo; conhece-te e completa-te*”. Além disso, é a alma que reflete diretamente nossa relação com Deus, pois, como está escrito, “*a chama de Deus é a alma do homem*” (Provérbios, 20:27). Podemos comparar a alma à chama de uma vela. Quando acesa, sobe, percorre o ar, mas o pavio a puxa de volta à terra. Da mesma forma, enquanto a alma está em constante movimento ascendente, em direção a Deus, o corpo, com suas exigências físicas, a retém neste plano físico. Uma pessoa íntegra e saudável é aquela em quem alma e corpo convivem unidos, em perfeita sintonia. É aquela que consegue atingir uma harmonia entre o seu lado material e o espiritual, alguém que consegue levar uma vida espiritualmente significativa e, ao mesmo tempo, produtiva.

Espírito é o que cobre a centelha divina, é a energia mais divina que o homem e todas as criaturas vivas carregam dentro de si. Essa centelha divina é primária e, na verdade, imutável. É o elemento mais divino por ser equivalente a Deus, equivalente a Todas as Fontes. A centelha divina possui, em seu nascimento, uma certa vibração, uma certa radiação. Mesmo assim, ao ser uma vibração, ela possui uma totalidade, uma conexão com tudo o que existe, ou seja, com Todas as

Fontes. A centelha divina deseja ser consciente. Essa consciência que acumulará poderá ser chamada de "corpo"; esse corpo, essa cobertura para a centelha divina, pode ser chamado de "espírito". Na verdade, sendo a cobertura da centelha divina, o espírito é uma forma de consciência em um nível superior, que carrega consigo tudo o que direcionou a centelha divina em sua força primária até a matéria. Para que o espírito possa manifestar-se em um corpo, precisa de uma corrente, de elos entre o nível mais baixo e o mais elevado. Essa corrente é o próximo corpo espiritual, que está muito mais relacionado ao mundo físico e poderia ser chamado de "alma". Essa alma nada mais é do que uma ferramenta entre o ser humano, sua estrutura cerebral, sua função, seus sistemas de aura, chacras e meridianos. Ela já está em sua forma condensada quando chega ao corpo para, eventualmente, poder ganhar a experiência na centelha divina como um centro. Quando o espírito se manifesta, ele recebe a cobertura para que enquanto estiver na Terra possa carregar as características do último ser.

Encontrando o significado interior de "Adonay": a Reverência e o Temor

Ninguém sabe, ao certo, como se pronuncia YHVH, o tetragrama, designação das quatro consoantes que compõem o nome do Deus de Israel. É que em algum tempo antes da era cristã, para não profanarem com lábios impuros o nome do seu Deus, os israelitas deixaram de pronunciá-lo, e assim as vogais desse nome foram esquecidas. Por ocasião da leitura pública dos rolos nas sinagogas, ao chegar ao nome YHVH, uma nota marginal dizia: "Está escrito, mas não se lê". E ali mesmo era indicada a palavra que deveria ser lida: "Leia-se ADONAY". O texto pré-massorético do Antigo Testamento só tinha consoantes, as vogais eram transmitidas através dos séculos pela tradição oral. Só no sexto ou sétimo século da era Cristã é que os massoretas colocaram vogais no texto hebraico. A palavra

YHVH, então, era escrita com as vogais do título ADONAY, e a palavra ADONAY era falada quando ocorria YHVH. Acontece, também, que em algumas passagens do Antigo Testamento o título ADONAY vem seguido do tetragrama YHVH, que nesse caso é pontuado com as vogais de ELOHIM (Deus), resultando na forma JEHOVIH (JEOVI), como, por exemplo: Salmo 73.28; Isaías 50.4; Ezequiel 3.11,27; Zacarias 9.14. Ou resultando na forma YEHVIH (JEVI), que ocorre, por exemplo, em Isaías 25.8; Jeremias 2.22; Amós 1.8; Ob 1.1; Miquéias 1.1; Sofonias 1.7. E em vinte e cinco passagens ocorre uma quarta forma de se expressar o nome do Deus de Israel, e isso por meio do monossílabo YAH (JÁ), que é a primeira sílaba de YAHVEH (JAVÉ). ADONAY: Nenhum outro título aplicado a Deus é mais definitivo e compreendido mais facilmente do que este. Etimologicamente é o plural de Adon, com o sufixo do pronome possessivo, da primeira pessoa, número singular. Este plural foi sujeitado a várias explicações. Pode ser visto como um "abstractum" do plural, e porque ele indicaria a grandeza e o ponto divino de Deus, como o Senhor dos Senhores. Esta explicação tem o endosso dos gramáticos hebreus. ADONAY é também o substituto perpétuo para o Yahweh conhecido inefável, a que empresta suas vogais. Sempre que a palavra Yahweh ocorre no texto, se lerá ADONAY.

Comungando com a Energia Divina do tetragrama YHVH

Na Bíblia, temos os livros cabalísticos de Ezequiel e do Apocalipse, que foram escritos de forma velada e simbólica. A chave do seu ocultismo repousa, como a do Talmude, sobre o valor dos números, a combinação das 22 letras do alfabeto hebraico e a força oculta do Tetragrama. O ensino da Cabala esmera-se em dar com precisão a definição da divindade vulgarmente denominada Deus, em fixar-lhe os atributos e em estabelecer o processo das manifestações do seu poder. A particularidade da Cabala é de repudiar toda

idéia de antropofornismo na definição da divindade, de afastar toda possibilidade de figuração de Deus que é infinito, inacessível e incompreensível. O Ser por excelência, o Verbo eterno conjugando-se, simultaneamente no presente, no passado, no futuro: YHVH, Aquele que foi, que é, que será, Aquele cujo nome nunca deve ser pronunciado porque o profano não compreenderia que o Deus Todo-Poderoso, o Deus dos Exércitos não poderia ter nenhum outro nome a não ser o verbo Ser.

A Cabala descobre todos os mistérios da criação neste simples nome, ao estudar o simbolismo representado pelas quatro letras formando este nome assim dividido: IOD, HE, VAV, HE (YHVH). Este nome é aquele que encontramos no cume de todas as iniciações. A primeira letra, o IOD, figurada por uma vírgula ou um ponto, representa o princípio original das coisas, o ponto de partida da Criação. Esta letra que ocupa o décimo lugar no alfabeto hebraico, é representada pelo número 10, ele mesmo composto do número um, unidade, princípio e do zero, representando o nada, por seu significado e o Todo por sua forma. No IOD ou número 10, a unidade, origem do Todo, alia-se ao Nada para formar o princípio inicial da Criação, princípio gerador, princípio masculino. A segunda letra, o HE, quinta letra do alfabeto hebraico, representa o número 5, equivalente à metade do valor da primeira letra, 10. É o princípio inicial IOD ou 10 que se fraciona em dois, e que se desdobra. Tal é a origem do binário: masculino-feminino, ativo-passivo, positivo-negativo, homem-mulher. A energia criadora masculina junta-se à matéria fecunda feminina. A terceira letra, VAV, ocupa o sexto lugar no alfabeto. Resulta da ação geradora do IOD sobre o HE, do princípio masculino sobre o princípio feminino. É o filho, a resultante: um mais cinco igual a seis. A quarta letra representa um segundo HE, novo elemento feminino, indispensável ao filho para possuir a faculdade de se reproduzir e de

perpetuar o Ser. É o grão que contém em potência a geração futura e a possibilidade de garantir a Eternidade. YHVH, portanto, não é um nome, mas o símbolo da Criação e da Eternidade, do SER PERFEITO. Este nome não pode ser pronunciado a não ser uma vez por ano, e soletrado letra por letra no Santo dos Santos, pelo Sumo Sacerdote, Grão-Mestre da Arte Sacerdotal, no meio do ruído das preces do povo profano. Diz-nos Elifás Levi: “Todas as religiões dogmáticas saíram da Cabala e para ela voltam. Tudo quanto existe de científico e de grandioso nos sonhos religiosos de todos os iluminados é tirado da Cabala”.

YHVH é o nome pessoal que Deus escolheu para si. É o nome pelo qual ele quer ser conhecido. Neste nome, o Senhor revela seu caráter imutável, inescrutável, insondável e incomparável. Deus não muda e nem deseja mudar seus princípios, seu caráter ou seu eterno plano de salvação (Mt 3.6, Hb 13.8). Embora Ehyeh nunca faça parte de algum

nome próprio no Antigo Testamento, é usado como uma forma do nome divino na segunda parte de Êxodo 3.14: “EU SOU me enviou a vós outros”. A frase contém todas as vogais necessárias e as consoantes ficam bem próximas de YHVH (Êx 3.15), que é o nome para o Senhor. A reverência dos hebreus para com o nome YHVH (chamado de o tetragrama sagrado ou inefável), era tão grande que os copistas, ao copiarem as Escrituras, usavam uma pena especial para escrevê-lo. Uma pena de ouro, lavada sete vezes e depois posta de lado. Voltava-se à pena comum para escrever as demais palavras e se retornava à de ouro, quando novamente se chegava ao tetragrama. Mais tarde, o nome foi deixado em branco, tamanho o respeito. O leitor, ao fazer a leitura pública da Escritura, chegando no espaço vazio, parava a leitura. O povo, sabedor que ele chegara ao Nome, prostrava-se, reverentemente. Mais tarde, Deus passou a ser O Nome (Ha Shem), numa maneira reverente de dizer que era

Handwritten Hebrew characters representing the tetragram YHVH in three different styles: a stylized cursive form, a blocky form, and the standard Hebrew script 'יהוה'.

único, singular, e acima de qualquer outro nome. O nome era o caráter. Saber o nome era ter domínio (Gn 32.29 e Jz 13.17-18). O nome era zelosamente guardado diante de estranhos, para evitar encantamentos. Deus aparece com vários nomes, no Antigo Testamento e cada um expressa um atributo, ou característica, ou situação dentro do propósito da revelação. EL - o nome mais usado. Significa "ser forte", "ser poderoso" (Gn 28.19). "Betel", Beith El, "casa de Deus". ELOHYM - variação de EL. Melhor dizendo, seu plural. É a forma da língua hebraica de fazer o superlativo, não significa necessariamente "deuses", mas pode significar "ser fortíssimo", "ser poderosíssimo". Encontra-se em Gn 1.1. EL ELYON - "Deus Altíssimo" ou "Deus dos altos" (Gn 14.20). A idéia de um Deus bem elevado sobre os homens. EL SHADDAY - "Deus Todo-Poderoso".

YHVH é um Deus Criador - O Antigo Testamento parte deste ponto: o Deus que se revelou aos hebreus é o criador do universo. Criador do mundo, da humanidade e da nação eleita. Apesar de ser Criador é ele distinto da sua criação, não se confunde com ela, está acima dela e é superior a ela. Sendo o Criador, ele tem domínio sobre ela e isso faz dele o senhor do universo. Por isso, só em Isaías, por 30 vezes ele é chamado de "Senhor dos exércitos" "lahweh Tsebaöth", que expressa aquele que domina o exército dos céus, as estrelas, os anjos, arcanjos e todas as criaturas celestes.

YHVH é um Deus pessoal – Mas apesar disso, não é um Deus impessoal. Ele se comunica e tem propósitos para a humanidade, pode ser conhecido. A premissa básica de todos os escritores da Bíblia é que Deus pode ser conhecido. "Conhecer" é o verbo hebraico "yadha", que significa "conhecer pessoalmente", "conhecer por experiência", "ter relações amistosas com alguém". Não é o Deus da especulação, mas do conhecimento pessoal. E isto é possível porque ele se revelou, ele se deu a conhecer aos homens, como toda a Escritura mostra.

YHVH é um Deus de Atributos - Ele tem atributos que o Antigo Testamento deixa claros, como por exemplo: É Eterno, é Santo, é Misericordioso, é Justo, é Bom.

YHVH é o Deus que está próximo - "O Santo de Israel" é usado para designar sua distância dos homens, em termos morais. O Antigo Testamento faz questão de mostrar que ele é diferente dos homens, mas se é distante moralmente, ou seja, transcendente, é também o Deus que está próximo de suas criaturas.

YHVH é o Deus Misericordioso - Um dos maiores vocábulos do Antigo Testamento é "hesed", usado para o amor de Deus, entre muitos outros. Significa o "amor inalterável, imutável, o amor do pacto". É traduzido por "benignidade", "misericórdia", "compaixão". É o amor que não deixa de existir mesmo quando o povo falha, e é merecedor de castigo, lahweh se mostra incapaz de destruí-lo. A melhor definição de "hesed", o amor de lahweh pelo seu povo, está em Is 49.15.

Como eu, criatura, devo agir para com meu Deus?

A resposta: "4 Ouve, Israel, o SENHOR nosso Deus é o único SENHOR. 5 Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. 6 E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; 7 E as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te" (Dt 6.4-7). Este é o maior tesouro teológico dos homens. Trata da unicidade de YHVH. E por ser ele único, deve ser amado totalmente e seu amor e seus atos devem ser ensinados aos nossos filhos, e devem ser nossa preocupação na vida. Responder a este amor de Deus deve ser nossa preocupação e deve ser a fonte que nos leve a amar os demais seres humanos.

Contos Espirituais

O Guardião do Mosteiro

Certo dia, num mosteiro zen-budista, com a morte do guardião, foi preciso encontrar um substituto. O grande Mestre convocou, então, todos os discípulos para descobrir quem seria o novo sentinela.

O Mestre, com muita tranqüilidade, falou: Assumirá o posto o monge que conseguir resolver primeiro o problema que eu vou apresentar.

Então ele colocou uma mesinha magnífica no centro da enorme sala em que estavam reunidos e, em cima dela, pôs um vaso de porcelana muito raro, com uma rosa amarela de extraordinária beleza a enfeitá-lo. E disse apenas: - Aqui está o problema!

Todos ficaram olhando a cena: o vaso belíssimo, de valor inestimável, com a maravilhosa flor ao centro! O que representaria? O que fazer? Qual o enigma?

Nesse instante, um dos discípulos sacou a espada, olhou o Mestre, os companheiros, dirigiu-se ao centro da sala e ...ZAPT!... destruiu tudo, com um só golpe.

Tão logo o discípulo retornou a seu lugar, o Mestre disse: Você é o novo Guardião. Não importa que o problema seja algo lindíssimo. Se for um problema, precisa ser eliminado.

Um problema é um problema, mesmo que se trate de uma mulher sensacional, um homem maravilhoso ou um grande amor que se acabou. Por mais lindo que seja ou tenha sido, se não existir mais sentido para ele em sua vida, deve ser suprimido.

Muitas pessoas carregam a vida inteira o peso de coisas que foram importantes no passado, mas que hoje somente ocupam espaço - um lugar indispensável para criar a vida.

Os orientais dizem:

- Para você beber vinho numa taça cheia de chá, é necessário primeiro jogar fora o chá, para então, beber o vinho.

Ou seja, para aprender o novo, é essencial desaprender o velho. Limpe a sua vida, comece pelas gavetas, armários até chegar às pessoas do passado que não fazem mais sentido estar ocupando espaço em sua mente. Vai ficar mais fácil ser feliz.

